

- U.F.R.J. -  
BIBLIOTECA  
- IPPUR -

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO E USO DO SOLO  
URBANO

A  
Ad. Guel

MONOGRAFIA

"DO ENTRUDO AO SAMBÓDROMO - A APROPRIAÇÃO DE UM ESPAÇO"

DIVA DE ALMEIDA FURLANETTO

RIO DE JANEIRO

JULHO DE 1989

ANNO II

REVISTA

SOUZA CRUZ

RIO DE JANEIRO — FEVEREIRO DE 1917



Este numero traz um conto inedito do festejado jornalista e homem de letras HEITOR BELTRÃO

## AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento dirige-se àquelas pessoas responsáveis pela beleza e grandiosidade que é hoje o carnaval da cidade, que acabou por provocar a construção do SAMBÓDROMO.

Aos professores do curso de Especialização em Planejamento e Uso do Solo Urbano, que aguçaram ainda mais meu interesse pelo Rio de Janeiro.

Ao Sr. Alvino Costa Filho, da Companhia de Cigarros Souza Cruz, por ter cedido parte do material utilizado nesta pesquisa.

A Norma Paula Furlanetto, meu muito obrigado pela sua paciência em fazer as correções gramaticais necessárias.

A Chefia do DEGEO - Departamento de Geografia do IBGE - por ter possibilitado meu acesso ao curso .

Ao professor Robert Fechman pelo "pouco" trabalho que lhe dei.

Meu agradecimento especial a José Antonio, meu marido e companheiro, que além de compreender meu nervoso em aprontar este trabalho, ainda, digitou e imprimiu toda Monografia.

E, dedico este trabalho a meus filhos Pedro Augusto e João Rodrigo a quem ensino a amar e defender a terra onde vivem : o Rio de Janeiro.

MARCHA DA QUARTA-FEIRA DE CINZAS

LETRA: VINICIUS DE MORAES

MÚSICA: CARLOS LYRA

Acabou nosso carnaval  
Ninguém houve cantar canções  
Ninguém passa mais brincando feliz  
E nos corações  
Saudades e cinzas foi o que restou.

Pelas ruas o que se vê  
é uma gente que nem se vê  
Que nem se sorri, se beija e se abraça  
E sai caminhando  
Dançando e cantando cantigas de amor.

E no entanto é preciso cantar  
Mais que nunca é preciso cantar  
é preciso cantar e alegrar a cidade...

A tristeza que a gente tem  
Qualquer dia vai se acabar  
Todos vão sorrir, voltou a esperança  
é o povo que dança  
Contente da vida, feliz a cantar...

Porque são tantas coisas azuis  
Há tão grandes promessas de luz  
Tanto amor para amar de que a gente nem sabe...

Quem me dera viver pra ver  
E brincar outros carnavais  
Com a beleza dos velhos carnavais  
Que marchas tão lindas  
E o povo cantando seu canto de paz.

## ÍNDICE

	PG.
1 - INTRODUÇÃO .....	1
2 - HISTÓRICO .....	2
2.1 - Entrudo .....	2
2.2 - Préstitos .....	9
2.3 - Bailes .....	10
2.4 - Zé Pereira .....	11
2.5 - Cordões Carnavalescos .....	13
2.6 - Ranchos .....	16
2.7 - Corso .....	18
2.8 - Escolas de samba .....	19
2.8.1 - Os desfiles .....	26
3 - OS ESPAÇOS DESTA MANIFESTAÇÃO .....	34
4 - AS INTERFERÊNCIAS DO PODER PÚBLICO .....	40
5 - A APROPRIAÇÃO DE UM ESPAÇO - SAMBÓDROMO .....	44
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	56
7 - NOTAS DE REFERÊNCIA .....	58
8 - BIBLIOGRAFIA .....	61

## 1 - INTRODUÇÃO

O carnaval é um tema já bastante explorado, com uma bibliografia extensa e rica, mas por seu aspecto dinâmico, há sempre algo de novo para ser pesquisado.

A última grande inovação e/ou interferência que sofreu o carnaval carioca foi a construção de um espaço apropriado para o desfile, e é a partir daí que tive a idéia para desenvolver a presente monografia, onde pretendo demonstrar ao longo do trabalho as interferências do Poder Público nesta manifestação popular que é o carnaval.

Estas interferências se deram de forma variada quer seja através da mudança de data para a festividade quer seja através da destinação dos espaços para as brincadeiras típicas e que culminou com a construção do SAMBODRÔMO, em 1984.

Ao longo da pesquisa o tema foi se desenvolvendo além das expectativas e foi necessário um grande policiamento para que a pesquisa não saísse demasiadamente grande, para que não se transformasse numa tese.

Mas o que considero realmente fundamental é lançar a semente para um trabalho mais profundo para aqueles que se interessarem pela essência do trabalho, que é a interferência do Poder Público nas manifestações populares. Se esta ocorre com o carnaval, certamente ocorrerá com as demais festas do povo, provando que o cosmopolitismo do Rio é o responsável incontestável pela riqueza de temas que se pode desenvolver para que se possa compreender melhor a cidade em que vivemos.

"DO ENTRUDO AO SAMBÓDRÔMO - A APROPRIAÇÃO DE UM ESPAÇO" é o resultado desta pesquisa, que espero não se encerre por aí, uma vez que o assunto é muito interessante e sua versatilidade é uma constante.

"Bem aventurados os que fazem o carnaval, os que não fogem nem se recolhem, mas enfrentam as noites bárbaras e acesas".

Rubem Braga

O carnaval ... o remoto carnaval tem sua origem segundo alguns autores há mais de dez mil anos antes de Cristo, sendo mais antigo do que muitas civilizações. Outros dizem que sua origem vem das festas pagãs dos egípcios.

Sabe-se que, certamente, era festejado com pompa e alegria na Europa, e em especial em Veneza, Munique, Roma, Colônia, Nápoles e Florença.

Mas como ele chegou até nós e passou a fazer parte do nosso calendário de festas populares é que se tentará fazer a partir de agora.

### 2.1 - ENTRUDO

Aqui, o entrudo é considerado uma das origens do carnaval carioca que começou a movimentar a Cidade há mais de duzentos anos. Eneida o relata:

" Foi um carnaval porco e brutal aquele com o qual festejamos Momo nos tempos da Colônia e do Império, assustando os primeiros viajantes estrangeiros que aqui chegaram e, com toda razão, julgaram selvagens os folguedos carnavalescos sem considerar que estávamos apenas refletindo e repetindo os hábitos de nossos colonizadores".(1)

A Missão Artística Francesa que veio para o Brasil, em 1818, trouxe no grupo o pintor e engenheiro Jean Baptiste Debret, que viveu durante quinze anos no País, e, retratou toda a cultura da época, inclusive os folguedos do Entrudo, e viu:

"grupos de negros mascarados e fantasiados de velhos europeus, imitando-lhes muito jeitosamente os gestos, ao cumprimentar à direita e à esquerda as pessoas instaladas nos balcões".(2)

Nesta ocasião tudo era permitido aos escravos, como zombarem e criticarem os hábitos e atitudes de seus senhores sem que nada lhes acontecesse.

O entrudo era considerado uma festa caracterizada, acima de tudo, pela sua violência, pelos conflitos gerados durante o evento. Eram brincadeiras de mau gosto, cuja graça consistia em jogar água nas pessoas que passavam pelas ruas, das janelas e balcões das casas. Os foliões montavam às portas de suas residências tóneis, pipas, barris cheios de água e, ajudados por amigos, ali mergulhavam os transeuntes desprevidos ou as visitas que chegavam à casa. Gostavam, também de fazer isto com as pessoas mais engomadas - os almofadinhas.

Em compensação, após o banho, serviam lauto banquete, mas às vezes, terminava tudo em brigas e confusões.

Uma das outras formas de se comemorar o entrudo era com os famosos "limões de cheiro", uma espécie de bola de cera, fabricada artesanalmente pelas famílias que se reuniam nas casas, às vésperas do acontecimento.

O escritor França Junior descreveu o entrudo de forma bastante interessante e real, transcrevendo-se abaixo as palavras deste autor:

"Ora, naquele tempo jogava-se o entrudo. Não era um entrudo como o atual. Os garotos estabeleciam-se nas ruas, às portas das vendas e dos armarinhos, com imensas gamelas cheias de água, com seringas de todos os

tamanhos e grandes provisões de vermelhão, cal, pós-de-sapato, etc.

Ai daquele que lhe passasse pelos domínios. Se era sujeito decentemente vestido, gritava o general-em-chefe para o batalhão de seringueiros:

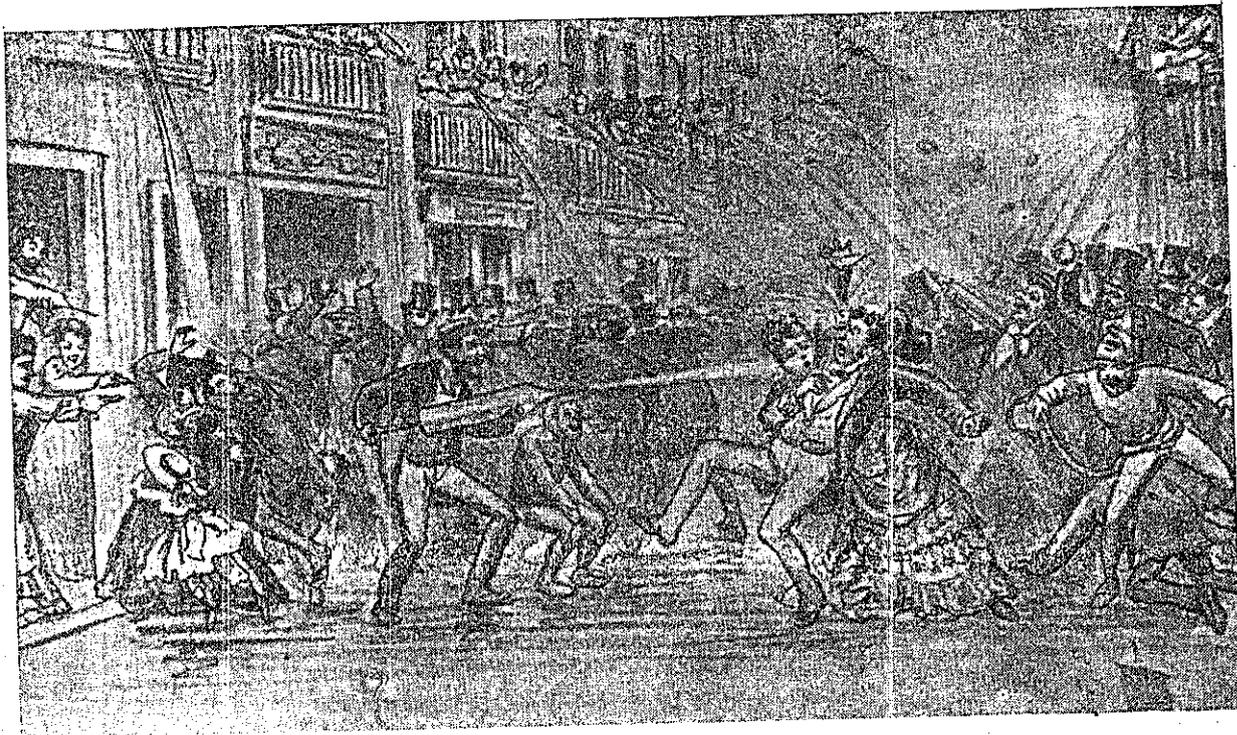
- Preparar, apontar, água !

E a vítima, perseguida pelos esguichos que partiam de todos os lados ou dava às de Vila Diogo ou escondia-se no primeiro corredor próximo.

Se o infeliz era maltrapilho ou tipo, como vulgarmente se diz de poucas roupas, os garotos perdiam a cabeça, corriam para ele, pegavam-no como se pega um touro à unha e zás... metiam-no dentro da gamela d'água.

Abarrotado de cólera, vociferando os maiores impérios contra os circunstantes. O pobre diabo erguia-se do banho, disposto a quebrar a cara de alguém. Avançava de punhos fechados para o primeiro que lhe ficava em frente. Alguns combatentes, porém, tolhiam-lhe os movimentos, enquanto outros lhe iam empastando a cara com pós-de-sapatos, alvaiade e vermelhão.

Estas cenas terminavam quase sempre pela intervenção do junco de pedestres e pela fugida dos revoltosos para os seus quartéis de segurança, de onde saíam, serenados os ânimos, para novas escaramuças.



*Assim Angelo Agostinho mostra-nos o entrudo*

Enquanto estes episódios se verificavam no meio da rua, teatro de outros não menos importantes e grotescos eram as habitações dos nossos avós.

Quem quinze dias pelo menos antes do entrudo, entrasse pelas casas das principais famílias do Rio de Janeiro, veria o afã e o açoitamento com que moços e velhos, crianças e fâmulos, preparavam-se para os grandes aguaceiros dos três dias de loucura.

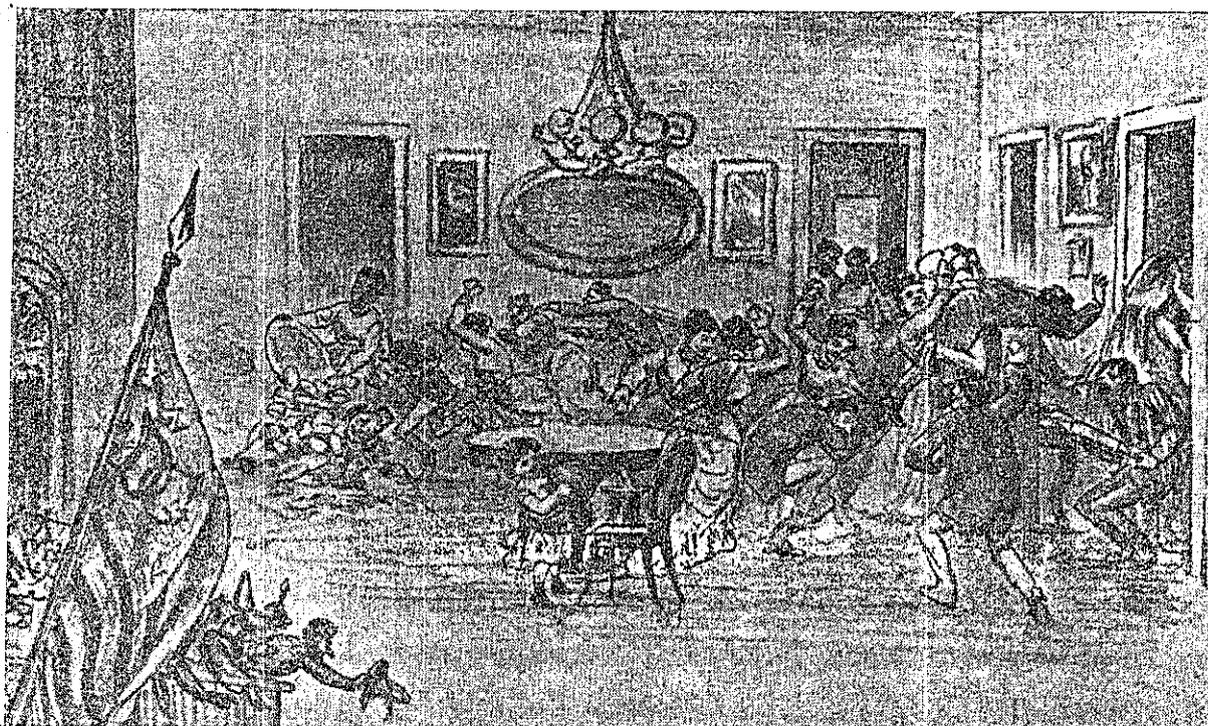
Aquí era uma negrinha que derretia cêra em bojudó boião de barro.

Ali era outra que abanava a chama do fogareiro.

Acolá via-se a dona da casa sentada na clássica banquinha, cuja forma era, mais ou menos, a de um "M" virado de pernas para o ar. Ocupava-se a respeitável matrona em encher limões e laranjinhas com água cheirosa, sendo ajudada neste serviço pelas filhas e às vezes até por uma vizinha oficiosa.

O chefe de família e os filhos, armados de ferros quentes, tapavam com pedacinhos de cêra os limões furados.

Não havia, em suma ninguém no lar que não consagrasse a sua atividade aos preparativos do entrudo." (3)



*Também dentro dos lares, o entrudo era desenfreado (Angelo Agostinho)*

U. F. R. J.  
BIBLIOTECA  
PPUR  
6.

É interessante que se informe que o limão-de-cheiro, à princípio, era cheio de água mal cheirosa e de procedência duvidosa. Mais tarde, encheram-no de água pura ou perfume; e eram atirados violentamente nas pessoas.

O que interessava nesta brincadeira do entrudo, seu grande objetivo era ridicularizar as pessoas. A partir de determinada época desconhecida, molhar apenas não trazia novidades. Assim, passaram a além do banho, a cobrir a vítima com farinha de trigo ou polvilho, e até a cobrir a pessoa com um pó chamado vermelhão. Esse hábito esteve em grande moda nas ruas, sobretudo, entre os escravos.

Debret, retratou um desses momentos da festa carnavalesca:



G. DEBRET

CARNAVAL "ENTRUDO" - 1823

Esta maneira estranha de comportamento, que provocava grandes brigas entre aqueles que dela participavam, e que chegava até a provocar crimes de morte, passou a ter as primeiras intervenções das autoridades que pretendiam coibir os excessos.

Segundo Vieira Fazenda, alvarás e avisos contra o entrudo começaram a aparecer em 1604 e foram repetidos em 1612, 1686, 1691, 1784, 1818. Avisos estes que não eram obedecidos pelo povo; no ano seguinte repetiam-se novamente, as mesmas brincadeiras.

No ano de 1826, o entrudo é realmente proibido, o que serviu apenas para que, no ano seguinte, voltasse com mais força e animação.

Esta proibição se deu por conta de uma história que correu em duas ou três versões nos periódicos da época, e obrigou a intervenção mais uma vez das autoridades, pois envolveu membros da Corte. Contam que a esposa de João Caetano, presente em um baile de carnaval onde se encontravam o Imperador, atirou com violência um limão-de-cheiro em pleno rosto de Dom Pedro, sendo então na ocasião, presa e levada para a cadeia de Aljube.

Viriato Correa, citando Henri Raffard, disse:

"... nos primeiros dias da maioridade, nosso segundo Imperador molhava tanto as irmãs que, certa vez, Dona Maria Antonia lhe pediu que não continuasse a brincadeira para que as irmãs não adoecessem".(4)

Na realidade o entrudo contagiava a todos os habitantes do Rio de Janeiro, sem distinção de raça, cor, classe social, religião, etc. ... a festa era de todos, a festa não tinha dono ...



*Assim Angelo Agostinho viu o carnaval de rua, nos anos de 1800*

Mas o interessante é que em vez do material usado no entrudo começar a sumir com tantas pressões, ele é aperfeiçoado: são relógios e revólveres que esguicham líquidos. Para agravar a situação surgem os limões de borracha que machucavam terrivelmente.

Em 1904, o Prefeito Pereira Passos solicitava aos diretores de grupos carnavalescos para que convencessem os membros de suas entidades para não participarem do Entrudo. Neste ano não houve os folguedos do carnaval.

Mas no ano seguinte retorna de forma mais violenta.

Em 1908 a Casa Cipriano anunciava: "bisnagas cheias e vazias, relógios, borrachinhas para limão, etc., a venda na Rua da Quitanda 57"

O entrudo acaba perdendo muito de sua brincadeira e graça com a modernidade que Pereira Passos começava a imprimir à cidade do Rio de Janeiro. A civilidade chegava com a abertura da Avenida Central, e com uma série de obras que estavam sendo realizadas na cidade .



*Assim viu Angelo Agostinho a morte do entrudo*

## 2.2 - PRÉSTITOS

Ao lado da folia do entrudo, conviviam outras manifestações carnavalescas, como os préstitos. O primeiro deles que se conhece apareceu no ano de 1822, era chamado de "Cavalheiros da Folia" e composto de oito carros e trinta e seis cavalheiros.

Os grandes préstitos, o verdadeiro carnaval de rua, data de 1854 quando são fundadas as duas primeiras sociedades carnavalescas: "Venezianas" e "Sumidades Carnavalescas". Outras sociedades logo começaram a aparecer na cidade. Eneida relatou o seguinte:

"Também tudo nos leva a crer que eles tomaram verdadeira expressão carnavalesca - a que até hoje mantêm - quando as três grandes sociedades, fixando-se, começaram a promover os préstitos."

Mello Moraes Filho complementou com razão:

"Entretanto, cumpre confessar que os Democráticos, Fenianos e Tenentes são justamente dignos da gloriosa reputação que lhes dispensa o público, reputação adquirida pelo espírito sutil de suas idéias, pelo aparato glorioso de seus préstitos".

Com desfiles marcados pela crítica ao que acontecia à cidade, durante muitos anos foram a grande atração da terça-feira gorda. Hoje o espaço ocupado pelas sociedades é exíguo, seus desfiles são pobres e persistem somente pelo esforço daqueles que imaginam que terão, ainda, um espaço no carnaval carioca.

## 2.3 - BAILES

Os noticiários da época destacaram o grande acontecimento, o primeiro baile à fantasia que teve como palco a cidade do Rio de Janeiro, no teatro São Paulo, ali pelos idos de 1824 ou 1825. Para alguns cronistas, o primeiro baile à fantasia se deu no dia 20 ou 21 de fevereiro de 1846, promovido pela atriz e cantora italiana Clara Delamastro Eckerlin. A atriz ao promover este baile solicitava humildemente a proteção do público para a iniciativa com que "aos usos e costumes da Europa" pretendia dotar a Corte. Foi plenamente atendida em seu apelo. O baile atraiu mais de mil pares, trajados com as mais variadas fantasias, que dançavam comprimidos na platéia do Teatro São Januário transformado em salão, enquanto que nos camarotes notava-se a assistência das famílias respeitáveis e distintas. As contradanças se prolongavam até às três horas da madrugada, e mais teriam demorado se o Senhor Inspetor do Teatro não tivesse entendido que a saúde dos dançarinos requeria cuidados e, mui civilmente, os mandasse descansar, dando a festa por acabada.

Os bailes de mascarados anteriores aos promovidos por Clara ocorreram em dois lugares distintos: no Hotel de Itália, à Rua do Espírito Santo e contava com a presença da Sociedade Constante Polka, que muito contribuiu para a animação do evento; o outro baile foi realizado no Café Neuville, no Largo do Passo, 1835, sendo que o ingresso custava 2\$000 e dava direito ao cavalheiro e a uma dama. No anúncio publicado nos jornais, o proprietário do Café Neuville advertia:

"Querendo que tudo se passe com a devida decência e boa ordem, as máscaras deverão apresentar-se asseadas e decentes".(7)

A moda pegou, e a partir desta época vários locais passaram a promover bailes de carnaval.

## 2.4 - ZÉ PEREIRA

No ano de 1846, a segunda-feira de carnaval ficou marcada na história da Cidade. Um grupo de foliões portugueses provocava um tremendo barulho na Rua São José atraindo a população; o barulho era provocado por bumbos e tambores. Eram liderados pelo sapateiro José Nogueira de Siqueira Paredes que procurava reproduzir nos instrumentos musicais, o bater do martelo na bigorna quando consertava os sapatos dos fregueses.

Zé Pereira não sabia, mas ele estava criando o que seria uma das maiores características do carnaval - a percussão, e que virou música quando um ator espanhol associou sua figura alegre e barulhenta à marcha de uma peça francesa, criando assim o primeiro hino do carnaval carioca.

"E viva o Zé Pereira  
Pois que a ninguém faz mal  
Viva a bebedeira  
Nos dias de carnaval"



Angelo Agostinho: Zé Pereira ministerial

Ao lado do Zé Pereira, no entrudo havia também os bailes à fantasia, enriquecendo mais ainda o carnaval carioca. Os espaços do carnaval começavam a ser distribuídos de acordo com as classes sociais.

Os mais abastados podiam participar dos bailes que vendiam ingressos, as famílias faziam o entrudo e o pobre participava dos "VIVAS A ZÉ PEREIRA" que se caracterizava por ser um carnaval de rua acessível a todos, já que a cidade possuía uma população pobre e numerosa que garantia a festa nas ruas.

Voltando ao entrudo, até os jornais da época passaram a fazer pressão para o seu término, que chamavam de "jogo selvagem". Em 1857 aparecia este edital:

"O Dr. Antonio Rodrigues da Cunha, cavaleiro das Ordens de Cristo, Imperial da Rosa e Real da Conceição da Vila Viçosa, Segundo delegado de policia da cõrte, por S. Majestade o Imperador que Deus guarde, etc..

"Faço saber aos que o presente edital virem, que se acha em execução a seguinte postura: Tit. 8 parágrafo 2 - Fica proibido o jôgo do entrudo dentro do Município; qualquer pessoa que o jogar incorrerá na pena de 4\$ a 12\$ e não tendo com que satisfazer sofrerá oito dias de cadeia caso seu senhor o mande castigar no calabouço com 100 açoites, devendo uns e outros infratores serem conduzidos pelas rondas policiaes à presença do juiz, para julgar à vista das partes e testemunhas que presenciarem a infração. As laranjas de entrudo que forem encontradas pelas ruas ou estradas serão inutilizadas pelos encarregados das rondas. Aos fiscaes com seus guardas também fica pertencendo a execução desta postura. E bem assim fica proibido das 10 horas da noite até 4 da manhã andarem individuos pelas rua da cidade com máscara, sendo os infratores presos e punidos com a pena de desobediência. E para que chegue a noticia de todos mandei publicar o presente edital. Rio, 14 de fevereiro de 1857. E eu, Antonio Joaquim Xavier de Melo, escrivão de policia o subscrevi".(8)

Editais, posturas, avisos, pressão dos jornais, ameaças de prisões, multas, apreensão do material vendido nas lojas e todos os tipos de ameaças possíveis passaram a acontecer sucessivamente, como transcrito abaixo que data de 1893.

Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1893.

"Sendo possível que apesar de prohibido o entrudo pela postura vigente de 14 de fevereiro de 1890, appareçam pêssoas fazendo uso deste jogo brutal ou expondo a venda limões de cheiro, bisnagas e objectos destinados a tal fim: recommendo-vos a maior vigilancia afim de que seja rigorosamente observada a citada postura, cumprindo-vos alem d'isto que casseis a licença das casas de commercio onde os referidos objectos estiverem a venda".

C. Barata Ribeiro

Ao Fiscal do Primeiro Districto do Engenho Novo. (9)

## 2.5 - CORDÕES CARNAVALESCOS

Os cordões carnavalescos também tiveram seus tempos áureos. João do Rio comentou a presença dos cordões nas festividades carnavalescas e explicou sua origem:

"Vem da festa de Nossa Senhora do Rosário, ainda nos tempos coloniais. Não se sabe por que os pretos gostaram de Nossa Senhora do Rosário. Já naquele tempo gostavam, e saíam pelas ruas vestidos de reis, de bichos, de pagens, de guardas tocando instrumentos africanos, e paravam em frente à casa do Vice-Rei, com seus enormes cordões, a dançar e a cantar".(10)

Já Agenor Lopes de Oliveira, em trabalho apresentado no I Congresso Brasileiro de Folclore, vê outra origem para os cordões carnavalescos, e diz:

"O cordão nada mais é do que uma sátira mordaz de nossa gente, surgida do anonimato coletivo, um dasabafo da alma popular contra aquela série de vexames a que foi submetida a população da "mui heróica e leal cidade de Sam Sebastião do Rio de Janeiro" após a chegada dos burocratas do Vice-Rei, da máquina estatal lusitana então montada no País, dos fidalgos ridículos e devassos, enfim da nova organização social transplantada para nossa terra e agravada subitamente com a chegada de D. João VI e sua numerosa Côrte, fugidos às iras do todo poderoso Napoleão Bonaparte".(11)

O esmero e o cuidado com que os cordões confeccionavam seus estandartes com os quais gastavam grandes somas de dinheiro despertou o interesse dos jornais em proteger essas entidades carnavalescas que muito enfeitavam o carnaval, levando-os a liberarem um espaço para os cordões exporem seus estandartes nos saguões de suas sedes.

Os cordões animavam intensamente os dias da folia, ficavam pelas ruas durante todo o período carnavalesco, e ano a ano eram em maior número; seu período áureo foi a partir do início do século XX. Em 1902, a polícia

licenciou para saírem no carnaval cerca de 200 cordões.  
O jornal "O País", em 1905, declarava:

"Mesmo que nenhum club saísse à rua, mesmo que não houvesse passeata das grandes sociedades, os cordões fariam magnificamente o carnaval de rua".(12)

Mas havia grande rivalidade entre eles, e quando se cruzavam pelas ruas, saíam grandes brigas. Almirante descreveu uma dessas confusões:

"O carnaval de 1902 foi trágico. Logo no primeiro dia, o grupo "Filhos da Estrela Dos Dois Diamantes", que vinha num bonde em direção ao Largo do Machado, sofreu na esquina de Marquês de Abrantes uma agressão da parte de um grupo rival: o "Flor ou Filhos da Primavera". Do conflito saíram mortos dois componentes do primeiro grupo. Apurou-se que um dos assassinos, fantasiado de "Rei dos Diabos", trazia uma arma escondida na cauda... No dia imediato, o entêrro tomou um aspecto imprevisto: a caminho do cemitério de S. João Batista, seguido dos componentes de inúmeras sociedades carnavalescas que compareceram fantasiadas, o cortejo mais parecia uma farsa de carnaval".(13)

Estas brigas se tornaram tão graves que a polícia proibiu a saída de dois cordões: Teimosos da Gamboa e Teimosos das Chamas. O jornal Gazeta de Notícias fez uma série de artigos protestando o que ele considerava uma arbitrariedade de poder, em proibir que esses cordões, após grandes sacrifícios para dar realce as suas passeatas, fossem impedidos de sair às ruas.

De acordo com os diretores das duas agremiações, o Jornal do Brasil passou a se responsabilizar por qualquer ocorrência desagradável que viesse acontecer. Os dois cordões saíram este ano pelas ruas da cidade.

No ano de 1910 os jornais começam a citar um novo elemento que surgia no carnaval da cidade -- os ranchos. Os ranchos estavam nascendo, mas os cordões estavam morrendo ...

## 2.6 - RANCHOS

Artur Ramos, autor Da História da Música Brasileira, define os cordões que surgiram no início de século da seguinte forma:

"Traços totêmicos de influência negra são evidentes nos ternos e ranchos embora haja uma tendência ao seu gradual esquecimento. Os nomes de animais vão sendo substituídos por plantas -- o que é ainda totemismo -- e, mais ainda, por outros nomes, onde a lembrança totêmica já se torna mais apagada. Perduram, porém, outros traços totêmicos nesses festejos: o emblema ou símbolo que dá o nome ao rancho ou clube, sua organização fechada, com suas próprias cores; as rivalidades entre uns e outros; as danças e cerimônias de franca origem negro-totêmica, hoje já adulteradas ao contacto do ameríndio, etc.. Ainda hoje nos clubes, blocos e cordões carnavalescos podemos reconstituir a mesma origem que para os ranchos baianos. Os nomes destes blocos estão a evocar a sua ascendência totêmica: Flor do Abacate, Recreio das Flores, Rouxinol, Flor da Lira, Lírio Clube, Recreio do Jacaré, Urso Branco, Rosa de Ouro, etc.."

E ainda:

"Os ranchos eram cordões mais civilizados, por assim dizer, pelo menos mais completos, pois já aparecia o elemento feminino. O conjunto instrumental era acrescido de cordas, violões e cavaquinhos e de sopro, flautas e clarinetas. Ao mesmo tempo surgia o coro, para entoar a marcha do rancho. Havia um porta-estandarte e três mestres: um de harmonia para a orquestra, outro de canto para o coro e um terceiro chamado de sala, para se ocupar com a parte coreográfica".

O número de ranchos foi crescendo ao longo dos anos e como a Gazeta de Notícias promovia os cordões carnavalescos, o Jornal do Brasil apadrinhou os ranchos e promovia concursos entre eles, oferecendo prêmios entre o primeiro e segundo colocados.

Em 1932, devido à grande dificuldade financeira que os ranchos enfrentavam, o Jornal do Brasil e os dirigentes dos ranchos fizeram um memorial ao Governador Pedro Ernesto onde solicitavam auxílio como as demais entidades carnavalescas que recebiam ajuda da Prefeitura para os desfiles de carnaval.

Foram atendidos por Pedro Ernesto através do recém criado Departamento de Turismo, mas ao lado da ajuda o Governador determinava que as festas dos ranchos passassem a se realizar na Quinta da Boa Vista.

Os ranchos se acharam fortemente discriminados, pois este espaço que lhes havia sido destinado estava afastado do centro da cidade, onde acontecia o carnaval. Até quando os desfiles dos ranchos permaneceram nesse espaço, não foi possível identificar, mas quem pode garantir que esta medida não contribuiu para que a beleza de seus desfiles deixasse de ter objetivo...?

## 2.7 - CORSO

Com a abertura da Avenida Rio Branco, em 1906, abriu-se um novo espaço logo aproveitado para esta festa popular - o carnaval.

Conta-se que em 1907, as filhas do então Presidente da República Dr. Afonso Pena, acompanhadas do secretário da Presidência, passearam pela Avenida, em carro aberto, por diversas vezes, de um extremo ao outro, e que na volta pararam em frente ao prédio da Comissão Fiscal de Obras do Pôrto, onde a família do Presidente assistiria os folguedos de carnaval.

Aquelas pessoas que possuíam carros logo passaram a imitar o passeio das filhas do Presidente, e inovaram mais ainda as comemorações carnavalescas, pois passaram a atirar de um carro para outro confetes, serpentinas e esguichadas de lança-perfumes.

A população logo aderiu à novidade, formando-se daí em diante o famoso "Corso", que durante muitos anos preencheu o domingo gordo, dia sem muitos atrativos e que foi eleito para o desfile dos carros.

Este hábito durou até o ano de 1939, quando começaram a sumir os carros conversíveis, próprios para a brincadeira que se fazia no carnaval.

## 2.8 - ESCOLAS DE SAMBA

"Carnaval é sempre o mesmo e sempre novo,  
Com turista, sem turista,  
com dinheiro, sem dinheiro,  
Com máscara proibida e sonho censurado,  
Máquina de alegria montada e desmontada,  
Carnaval é sempre o mesmo e sempre novo,  
Nas fantasias, no coração do povo".

Carlos Drumond de Andrade

Certamente, o carnaval atual não é o mesmo do carnaval do entrudo, nem do carnaval dos préstitos, mas o que é o mesmo é o espírito de brincadeiras e folias por que é tomado o povo, principalmente, o povo carioca, nestes dias.

As escolas de samba não são mais o agrupamento de gente humilde. Seus desfiles tornaram-se o show do mundo e atrai milhares de pessoas para assistirem a este espetáculo de brilho, luz, cor, dança, luxo, grandiosidade, ritmo e criatividade.

Um artigo de um jornal da atualidade, escrito por uma das pessoas que participaram como membro da Comissão que julga o desfile das escolas de samba, que se transcreve a seguir, cheio de emoção e amor por ter participado tão de perto deste show.

"Foram 29 horas de Sapucaí. Vinte e nove horas sem direito a um leve cochilo, quase todo o tempo de pé, olhos e ouvidos pregados na passarela. Para usar uma palavra gasta, mas precisa, uma maratona. Quando ao final do desfile o Presidente da Liga das Escolas de Samba, Capitão Guimarães, chegou a nossa cabine pedindo sugestões a cada jurado para o ano que vem, o ator Cláudio Cunha não vacilou: "Melhor cachê pra gente".

O Capitão sorriu, prometeu rever as 20 OTNs por noite para cada jurado, mas observou: "Sei que no fundo fazem isso por amor".

O que não deixa de ser verdade. Não se pode negar que alguns levam esse amor ao exagero. Por exemplo: um dos jurados do ano passado,

não convidado este ano, ficou tão inconformado que distribuiu carta a todos os outros, desancando com o desfile, a estrutura da Liga, os bicheiros que mandam no samba. Desfile, Liga e bicheiros que já eram rigorosamente os mesmos quando ele ainda estava in e não out.

Mas o fato é que ser jurado é bom por um lado ( participa-se mais intimamente desse grande e apaixonado espetáculo que é o desfile das escolas de samba ), por outro tem os espinhos. A começar pelas vaias que ameaçam cair sobre ele - ou melhor, nós - a partir das 15 horas de hoje, quando os 30 envelopes, três por quesito, forem abertos no Maracanãzinho.

Em outras palavras, vai começar tudo de novo. À medida em que forem sendo anunciadas as notas, aposto que toda aquela discussão sobre escolas de samba, que durante muito tempo dividiu os teóricos da matéria estará reaberta. Acho que todos se lembram quando Joãozinho Trinta criou um novo estilo para os desfiles da Beija-Flor, em 1976, não havia meio-termo: ou se idolatrava o homem, por sua delirante criatividade, ou se lhe atribuía o crime de estar deformando o maior espetáculo da Terra. Nunca o samba esteve tão repartido.

Joãozinho andava bem comportado ultimamente. Houve até quem dissesse que ele aposentara seus delírios, que já não era o mesmo. E a discussão cessou. Até que a Beija-Flor entrou na passarela por volta das 5 da manhã de ontem. O público e - os jurados - levaram um susto.

Eu era um desses jurados. E embora ache perda de tempo toda e qualquer discussão sobre escolas de samba, reconheço que a que vem por aí é inevitável. A maioria dos companheiros de júri com que eu conversei hesitava na hora de administrar, em seus mapas de notas, o desfile da Beija-Flor. A miséria colorida que Joãozinho propôs mostrar, o lixo luxo da escola, algumas inovações, umas tantas loucuras e muitas ousadas, nada disso foi falado em nosso curso de jurados. Algo me diz que a apuração de hoje será mesmo um festival de vaias. Contra e a favor.

Talvez o júri não estivesse preparado-para a nova peça que Joãozinho pregou a quem foi a Sapucaí. Os que entraram na dele vão usar e abusar do 10. Os que entraram, talvez o crucifiquem.

Minha experiência pessoal ensina que está

cada vez mais difícil julgar escolas de samba. Por mais que existam hoje manuais, cursos, debates, toda uma série de recursos para que os jurados julguem melhor. É que, assim como há vários estilos de escola, a de Joãozinho, a Mangueira, o Salgueiro, a Portela, tão diferentes uma das outras, há também vários estilos de jurados. São 30 cabeças com idéias diversas sobre o que devem ser as escolas e o desfile...

Bobagem mais inevitável. E acho que isso, já para o ano que vem, vai mudar tudo novamente. Prevejo, além das vaias e broncas de hoje, muita briga na Liga, escolas sugerindo mudança radical no regulamento, dirigentes pedindo cabeças de jurados. Tudo por causa de Joãozinho...".(14)

Desculpe Drumond, mas o carnaval mudou e mudou muito.

Hoje o carnaval que tem como ponto máximo os desfiles das escolas de samba, só pode ser realizado por que as escolas tornaram-se verdadeiras empresas, com receita própria proveniente não apenas dos ensaios que promovem em suas quadras, mas dos cachês que recebem para se apresentarem em shows, boites, clubes, e, até em shopping center, além de um repasse oficial de dinheiro da Prefeitura. Tem uma verba extra que é dada pelos banqueiros do jogo do bicho, que se tornam protetores das escolas e, que de certa forma, se protegem durante todo ano.

Mas qual é a origem deste show que o Rio de Janeiro oferece ao mundo?

No Largo do Estácio, símbolo do Rio Antigo, hoje com suas ruas conturbadas com o caos da cidade, foi onde se concentraram os primeiros sambistas do Rio com seus velhos batuques.

Estes velhos sambistas de primeira linha unidos resolveram, em fins de julho de 1928, organizar um grupo para mostrar suas músicas ao povo. A essa união de compositores instrumentalistas e simples dançarinos do samba deram o nome que se imortalizaria: escola de samba.

Estes sambistas eram bastantes perseguidos pela polícia, que os considerava vagabundos e usavam o sabre para acabar "com a vagabundagem desses tais de sambistas", que faziam do Estácio um ponto importante para a vida boêmia da Cidade; atraindo para o local pessoas que embora não fizessem samba, se identificavam com o batuque.

Quanto ao nome escola de samba, a idéia dos sambistas ao decidiram-se por este nome é interessante. Como na época funcionava no bairro a antiga Escola Normal,

imaginaram criar a escola para ensinar a sambar, a escola que ensina samba.

Devido a forte perseguição que sofriam escolheram o nome "Deixa Falar" para a primeira escola de samba da Cidade; quanto as cores para a escola, optaram pelas cores vermelha e branca, as mesmas cores do América Futebol Club, que se localiza em rua próxima ao Estácio.

A fundação da primeira escola de samba da cidade pode ser vinculada a três entidades: a Escola Normal, ao América Futebol Club e a Polícia. E nem quando foi criada poderia imaginar que estava surgindo a maior atração do carnaval carioca.

A Deixa Falar, cuja data de fundação é o dia 18 de agosto de 1928, fez sua primeira apresentação no carnaval de 1929, tendo como integrante o famoso cantor Francisco Alves.

A partir de 1929, foram criadas várias escolas de samba: algumas mantêm-se até hoje, umas desapareceram e outras fundiram-se, criando novas escolas. Das escolas antigas, algumas cresceram bastante, outras não, e vivem sem expressão, apenas pelo amor dos sambistas que as integram.

Com o crescimento desta nova entidade carnavalesca, as outras entidades mais antigas como os ranchos e as grandes sociedades foram sendo oprimidas com a perda de adeptos e até do próprio espaço para desfilarem nos dias de carnaval. Antes desfilavam em lugares mais nobres. Com o aumento do prestígio, as escolas de samba, começaram a usar estes locais, levando as demais entidades a desfilarem em locais mais afastados.

E como surgiu este novo ritmo de música?

A música de carnaval tem como marco fundamental o ano de 1917, o antes e o depois deste ano.

Antes de 1917, as músicas que se cantavam neste período de folias, eram as músicas da época; polcas, canções, valsas, quadrilhas e as mazurcas, não havendo, até então nenhum ritmo que se considerasse como exclusivo para o carnaval.

Em 1899, Chiquinha Gonzaga compôs a primeira música feita para o carnaval, "O Abre Alas", uma marcha-rancho, composta especialmente para o Cordão Rosa de Ouro, que até hoje é cantada nos bailes de carnaval e que se transcreve abaixo:

"O Abre Alas"

O abre alas  
Que eu quero passar  
Eu sou da lira  
Não posso negar

O abre alas  
Que eu quero passar  
Rosa de Ouro  
é quem vai ganhar.

Mas o grande marco para a música carnavalesca foi o ano de 1917, segundo Almirante, quando Donga compôs a música "Pelo Telefone", que se julgou interessante escrever abaixo pelo seu conteúdo:

"Pelo Telefone"

Mus.: Ernesto J. Maria dos Santos  
(Donga)  
Letra: Jornalista Mauro de Almeida

O Chefe de Polícia  
Pelo telefone  
Mandou me avisar  
Que na Carioca  
Tem uma roleta  
Para se jogar.

Esta música foi a grande sensação do carnaval de 1917. O povo cantava pelas ruas a ironia que os compositores faziam ao Chefe de Polícia Aurelino Leal, que havia ordenado o fechamento das roletas da Cidade.

De início, quando foi sugerido a Donga que chamasse aquele novo ritmo de samba, houve uma certa resistência do autor da música, já que samba era na época uma palavra usada para indicar agrupamento ou mesmo uma festa.

Edson Carneiro, estudioso do assunto, esclarece o termo, relatado abaixo:

"O samba de roda conhecido na Bahia contribuiu com o passo distinto do samba (palavra que é corruptela de semba, a umbigada com que se transmite a vez de dançar no samba de roda). Espécie de baile ao ar livre, de que todo mundo pode participar, se convidado por uma umbigada, -o dançarino requebra e saracoteia sozinho, enquanto os demais se incumbem do canto (uma frase de cõro, uma frase de solo) e da música (faca e prato, chocalho e pandeiro). Os passos do samba perderam o nome no Distrito Federal; em vez de uma única pessoa dançar, habitualmente dançam, em separado, um homem e uma mulher que passam a vez a pessoas do mesmo sexo; o convite à dança já não é exatamente a umbigada, mas o dançarino continua a executar uma verdadeira reverência, sambando, dizendo no pé diante da pessoa escolhida, até tocar perna com perna ... A ginga de marcha da escola condensa, não apenas os meneios do samba, de roda, mas também de outros cortejos populares, reis do Congo, ranchos de Reis e do carnaval".(15)

Após muita relutância, Donga resolveu chamar este novo ritmo de samba, e na época não poderia imaginar o resultado desta qualificação.

Outros compositores da época vacilavam quanto a denominação que dariam as suas composições. Aos poucos o samba foi se impondo; estes primeiros sambistas foram homens do asfalto e não do morro como se imagina.

O ritmo e a musicalidade do carioca, sobretudo, daqueles de origem africana, que por questões econômicas e sociais foram obrigados a procurar os morros da cidade para viver, acabou por transformar estes locais no reduto do samba.

Grandes escolas de samba como Mangueira e Salgueiro são originárias de favelas cariocas. Com o samba no pé e o ritmo do samba no sangue, oferecem um espetáculo para a cidade, como já foi dito --- indescritível.

Nas letras e melodias das escolas de samba encontra-se os temas do dia-a-dia da vida da comunidade a que elas pertencem, mas não fica só por aí, se utilizam de temas históricos, políticos e sociais nos seus enredos.

Mal passa o carnaval de um ano, já começam a pensar no enredo do ano seguinte e a preparação é intensa devido a grandiosidade que procuram impor as suas escolas. Uma frase de autor desconhecido, mas que sintetiza a força do sambista, diz:

"Para o construtor do carnaval há sempre uma promessa de alegria".

Voltando a Edson Carneiro, estudioso das escolas de samba, que relata:

"Ao desfilar na Praça Onze (Campeonato) ou no tablado da av. Presidente Vargas, a escola de samba representa uma idéia, um acontecimento em marcha --- "o enredo". Todas os detalhes, das fantasias às alegorias, do samba que se canta à disposição dos figurantes, enquadram-se no "enredo" e dele dependem. Somente por esta circunstância o cortejo como tal se diferencia dos ranchos de Reis. O "enredo" constitui uma surpresa para muitos elementos da escola, pois a diretoria o mantém em rigoroso sigilo até o carnaval: o inesperado da apresentação muitas vezes decide do triunfo.

Logo atrás do "abre alas", faixa ou tabuleta com que a escola "saúda o povo e pede passagem", vem a diretoria, todos os seus membros trajados do mesmo modo; "as pastoras" fazendo as evoluções da marcha dos ginastas, a duas e quatro de fundo; "academia", cõro masculino e bateria. Em determinados pontos do cortejo, rolam "as carretas" alegóricas. Entre as "pastoras" e a "academia" o baliza e a porta-bandeira --às vezes há dois pares, convenientemente separados nas escolas maiores -- destacam-se do conjunto. E, ao longo do grupo em marcha, ou em pontos especiais dele, sambam as várias "alas" da escola."(16)

## 2.8.1 - OS DESFILES

"O Rio onde tudo é música, desde a poética música dos beijos à decisiva música das pancadarias".

João do Rio

O primeiro desfile organizado para as escolas de samba, ocorreu no ano de 1932, por uma iniciativa de particulares já que foi promovido pelo jornal Mundo Sportivo, que possuía uma equipe de jornalistas ligados a música popular brasileira.

Um dos repórteres ficou responsável em contactar as escolas para o desfile, que seria realizado na Praça Onze. O jornal deu total cobertura a esse desfile, inclusive promoveu um concurso entre as escolas. Este evento seria a grande novidade do carnaval de 1932. Entre tantas reportagens publicadas sobre o assunto, uma delas destacou-se:

"Domingo, na Praça Onze, o público assistirá a um torneio que promete grande brilho, tal o encanto de sua originalidade. Queremos aludir ao campeonato de samba que O Mundo Sportivo promoverá. O acontecimento é inédito: até agora, não se realizou entre nós uma competição idêntica que reunisse tantos elementos para um êxito sem igual.

Os sambas que se candidatam aos grandes prêmios são os mais lindos dos nossos morros, das ladeiras dos lugares sonoros do Rio.

O público que conhece a música do "malandro" pelo disco, ainda não sentiu, talvez, o sabor que tem a melodia na boca do próprio "malandro". O efeito é muito maior e a sugestão é muito intensa. Na competição entrarão instrumentos que nem todos conhecem. A "cuíca", por exemplo, ainda não foi ouvida por nós com a atenção devida. Dizem que uma caixa de charuto usada por uma "alta patente" do samba vale, às vezes, uma orquestra completa. É a impressão que se tem realmente. Com seus instrumentos bárbaros,

as escolas conseguem verdadeiros milagres, efeitos impressionantes. Para julgar, só vendo com os próprios olhos. Nos morros da cidade, existem melodias ignoradas.

Nem sempre a publicidade seduz o "malandro", que não raro faz música para recreio interno ou por uma necessidade de expressão, independente de qualquer idéia de fama ou dinheiro.

Tem aí uma infinidade de coisas sonoras desconhecidas e que são verdadeiras maravilhas, não só pela sedução da melodia como pela graça, humorismo doce dos motivos. O interesse da cidade pelo campeonato de samba do Mundo Sportivo é intenso. Todas as atenções se voltam para os morros, as ladeiras, os lugares sonoras de onde virão os concorrentes.

Escolas existem que apresentarão mais de cem figuras. É facilmente compreensível o que será mais de cem bocas cantando com a sinceridade que os cantadores de samba põem na voz para maior repercussão das palavras. O espetáculo promete um esplendor estupendo e deverá ter um êxito formidável e bem merecido".(17)

No ano seguinte, a promoção do desfile coube ao jornal O Globo. A partir deste ano a liberdade de criação das escolas, começou a sofrer interferência com a obrigatoriedade de apresentarem alas de baianas e a proibição de instrumentos de sopro.

O Touring Club do Brasil, preparava uma programação oficial para o carnaval e em 1933, pela primeira vez, o desfile das escolas de samba foi incluído no programa. As escolas de sambas, como já havia acontecido no ano anterior, receberam uma ajuda monetária da Prefeitura.

Em 1934, as escolas de samba procurando defender seus interesses, criaram a União Geral das Escolas de Samba e elaboraram seus primeiros estatutos.

A competição entre as escolas, que começou a existir com o concurso de Mundo Sportivo, acabou por provocar neste ano algumas confusões. Houve a febre dos concursos. O primeiro foi realizado no Campo de Santana no mês de janeiro. A vencedora não quis participar do segundo concurso promovido pelo jornal A Hora, que teria como júri o povo, e seria realizado no Stadium Brasil. O presidente da escola vencedora do primeiro concurso, a Estação Primeira de Mangueira, declarou ao jornal Diário Carioca:

-- A Estação Primeira não se submeterá ao concurso de A Hora, não porque tenha medo da popularidade, pois temos certeza de que o povo carioca reconhece o valor da Escola de Samba do Morro de Mangueira, que é bicampeã, título adquirido em júris oficiais. Ainda este ano, no dia 20 de janeiro, o nosso bloco submeteu-se a uma prova onde também concorreram quinze escolas, tornando-se vitoriosa. Ninguém poderá dizer que houve cambalacho, pois não conhecemos um só membro da comissão julgadora.

-- Diante desses fatos -- prosseguiu -- não poderemos de forma alguma, por o nosso título, ganho à custa de tantos esforços, à mercê de um plebiscito popular, onde por certo vencerá aquele que tiver maior torcida. Compreendemos perfeitamente que não temos o privilégio de sermos eternamente campeões, mas é justo e admissível perdermos na mesma conduta que ganhamos, isto é, mediante o veredicto de um júri criterioso.

-- Por isso, a Estação Primeira só participará de concursos que tenham uma comissão julgadora que seja composta de juizes nacionais ou estrangeiros, contanto que os mesmos entendam de literatura, poesia e música. Só nessas condições o bloco que presido porá em jogo o seu título de campeão. Fica assim explicado por que a Estação Primeira não participará do concurso patrocinado pela A Hora". (18)

Além desses, houve ainda um concurso de samba e um concurso para eleger a rainha das escolas de samba.

No ano de 1935, as escolas de samba receberam forte apoio do Conselho de Turismo da Prefeitura do Distrito Federal, que nomeou o jornal A Nação para organizá-lo. Este jornal pretendeu levar o desfile para a Av. Rio Branco, o que não foi concedido pelo Conselho, porque este espaço já era consagrado ao desfile das grandes sociedades.

As escolas de samba ficaram mesmo na Praça Onze reduto dos grandes sambistas, mas como havia a intenção de ano seguinte desfilarem na Avenida, o grande tema deste ano foi: "Desfile de Despedida da Praça Onze".

Neste ano, a União Geral das Escolas de Samba, redigiu o seguinte regulamento para o desfile:

- 1- Somente poderão concorrer as escolas pertencentes à União Geral das Escolas de Samba do Brasil.

- 2- Cada escola de samba apresentará no concurso dois sambas, de autoria de seus compositores, devendo a letra e os coros serem enviados à redação de A Nação até o dia 25 de fevereiro.
- 3- Cada escola se exhibirá pelo espaço de 15 minutos, findos os quais está terminada a sua participação.
- 4- No coreto da Comissão Julgadora não será permitida em hipótese alguma, a permanência de qualquer pessoa, além dos membros da comissão.
- 5- Por ocasião do julgamento será apenas permitido que um dos diretores da escola que estiver sendo julgada se entenda com a comissão.
- 6- A Comissão Julgadora só será conhecida na hora do concurso.
- 7- Será proibido o uso de instrumentos de sopro.
- 8- Em todos os quesitos, a comissão dará notas de 1 a 10, de cuja soma sairá a escola campeã.(19)

Os desfiles das escolas de samba foram se sucedendo no correr dos anos, sofisticando-se, cada vez mais, mas continuaram a ser realizados na Praça Onze. A disputa entre as escolas era cada vez mais forte. Em alguns anos houve conflitos mais sérios após o resultado dos campeonatos, mas o que realmente importava era o próximo desfile, que deveria superar o do ano anterior.

Em 1942, com as obras de construção da Av. Presidente Vargas, e o desaparecimento da Praça Onze, quase determinaram a mudança para a Av. Rio Branco. O grande sucesso musical deste ano, foi a música de Herivelto Martins e Grande Otelo.

### "Praça Onze"

Vão acabar com a Praça Onze  
 Não vai haver mais Escolas de Samba, não vai  
 Chora o tamborim  
 Chora o morro inteiro  
 Favela, Salgueiro,  
 Mangueira, Estação Primeira,  
 Guardai os vossos pandeiros, guardai  
 Porque a Escola de Samba não sai

Adeus, minha Praça Onze, adeus,  
 Já sabemos que vais desaparecer  
 Leva contigo a nossa recordação  
 Mas ficarás eternamente em nosso coração  
 E algum dia nova Praça nós teremos  
 E o teu passado cantaremos.

A transferência de local para os desfiles aconteceu em 1943. A partir desse ano passou a ser realizado na Av. Rio Branco; foi um carnaval mais pobre, mais triste, não só pela transferência de local, mas também por que o mundo estava em guerra.

O conflito mundial refletia-se no País, a própria União Geral das Escolas de Samba no ano de 1944 desestimulava o desfile:

"O Conselho Deliberativo desta entidade tomou as seguintes providências relativas ao carnaval de 1944;

a) que as escolas de samba filiadas fiquem à vontade com relação à saída ou não no carnaval de 1944;

b) que a União Geral das Escolas de Samba não tomará qualquer iniciativa quanto aos desfiles das escolas até o carnaval;

c) que a União somente se fará representar nos festivais internos de suas filiadas ou não;

d) que fica suspenso o expediente da secretaria da UGES nos dias consagrados aos folguedos carnavalescos;

e) que suas filiadas, no caso de resolverem sair nos dias consagrados aos folguedos devem cumprir rigorosamente as determinações do Sr. Tenente-Coronel de Polícia e de seus auxiliares, na manutenção da ordem e do respeito que deve prevalecer nestes dias a fim de cooperar com as mesmas devido à situação de guerra em que nos encontramos".(20)

Em 1946, o desfile mudou-se novamente de lugar, passou a ser realizado na Av. Presidente Vargas, na altura da Escola Rivadávia Correia.

Em 1947, houve a grande cisão entre as escolas, sendo criada a Confederação das Escolas de Samba do Brasil. As brigas entre as escolas sucediam-se e a imprensa já não publicava mais notícias sobre os desfiles. Em 1949, é criada a Federação das Escolas de Samba.

Em 1950, o Presidente da União Geral das Escolas de Samba fez um apelo veemente aos cronistas carnavalescos para que comparecessem aos desfiles e prestigiassem as escolas de samba; no que não foi atendido.

No ano de 1952, como disse Sérgio Cabral com muita propriedade:

"Agora, sim, vamos ver quem é melhor, Portela ou Império Serrano. Os dirigentes das três entidades associativas de escolas de samba chegaram à conclusão de que estavam cometendo uma locura permitindo a realização de dois desfiles, afastando da competição oficial escolas da importância da Portela e da Estação Primeira.

Com coordenação do Departamento de Turismo, as três associações decidiram fazer um desfile principal na av. Presidente Vargas, com as 24 maiores escolas de samba, passando as restantes para um outro desfile na Praça Onze. As primeiras colocadas na Praça Onze se apresentariam, no ano seguinte, na av. Presidente Vargas, enquanto as últimas do desfile principal passariam para a Praça Onze.

Naquele ano, as escolas que fariam o desfile principal -- já chamado de supercampeonato -- estavam divididas entre as três associações ...

Ficou estabelecido que as escolas de samba participantes do desfile principal deveriam ter no mínimo trezentos figurantes, enquanto na Praça Onze o mínimo exigido foi de cem. O Departamento de Turismo construiu na av. Presidente Vargas um tablado para as escolas passarem e para facilitar o público que, assim, veriam escolas com mais facilidade. O tablado tinha 60 m de comprimento, 20 de largura e um metro de altura. Foi construída também uma pequena arquibancada para os turistas. Mas nada disso era importante. ...

O desfile já tinha começado quando desabou um violento temporal. As escolas continuaram a desfilar e o público também permaneceu no seu lugar. Mas a comissão julgadora -- como acontecera em 1938 -- é que não estava disposta a pegar chuva ...

"O julgamento foi anulado".(21)

Em 1953, os jornais já começavam a publicar que os desfiles das escolas de samba estavam tornando-se a principal atração do carnaval.

O carnaval dos anos seguintes continuava complicado e havia permanentes confrontos entre a polícia, membros das escolas de samba e o público em geral. O espaço destinado ao carnaval tornara-se pequeno, tal a multidão que pretendia assistir ao desfile.

Tanto que em 1956, os jornais da cidade começam a publicar artigos como os abaixo:

"Profissionais feridos e máquinas destruídas no tablado, onde os fotógrafos enfrentaram gangsters fardados e dispostos a tudo para que a imprensa não registrasse os seus desmandos" (Última Hora).

"Durante o desfile das escolas de samba o conflito se deveu a elementos da Guarda Municipal" (Diário da Noite).

"Elementos da Polícia de Vigilância provocaram sérios distúrbios durante o desfile das escolas de samba. Barbaramente espancado um repórter fotográfico que fazia o flagrante da violenta ação daqueles milicianos contra um popular preso" (A Noite).

Polícia Municipal fez tranculências. Impediu os trabalhos dos fotógrafos quebrou máquinas. Bateram à vontade os latagões do Major Krugger. Contra essa gente só a decisão higiênica do Exterminio" (O Mundo Ilustrado).

"Pelo conjunto dos fatos ocorridos, cuja análise exclui qualquer nota de gravidade, temos a impressão de que festejamos um bom carnaval, o que serve como uma afirmação a mais do espírito de ordem e cordialidade tão próprios do povo carioca. Sem embargo de uma alegria esfuziante pelo ritmo do samba, apanágio dos nossos autênticos foliões, assmilamos admirável compreensão, respeito e acatamento às autoridades policiais que têm responsabilidade de assegurar a tranquilidade pública" (General Augusto Magessi; Chefe de Polícia).(22)

Em 1957, o Departamento de Turismo concluiu que mesmo com o tablado, o desfile não poderia continuar sendo realizado na av. Presidente Vargas, que estava sempre marcado pela confusão, transferindo o primeiro grupo para a av. Rio Branco, na altura da Cinelândia enquanto que o segundo grupo ficaria na Praça Onze. Convém dizer que esta transferência também não foi o ideal, pois não deu certo como se imaginava.

Em 1962, o Departamento de Turismo percebeu o filão de ouro que se tornara o carnaval e introduziu a novidade --- venderia ingressos para a arquibancada que seria instalada em frente à Biblioteca Nacional. Ao povão, sem dinheiro, caberia os espaços entre os caminhões das estações de televisão e os palanques.

Em 1963, foi decidido que haveria três desfiles. As escolas do primeiro grupo voltariam a desfilar na Av. Presidente Vargas (permanecendo nestes moldes os anos 60 e parte dos anos 70), ao segundo grupo foi destinado o espaço da Av. Rio Branco e ao terceiro grupo caberia desfilar na Praça Onze.

O carnaval da Cidade crescia e se embelezava, a grandiosidade já era sentida e percebida por aqueles que assistiam aos desfiles, as escolas de samba já vinha, desfilar, algumas com mais de mil componentes.

A ação da polícia também permanecia acirrada em cima dos foliões. No carnaval de 1969, durante o desfile das escolas do segundo grupo na Av. Rio Branco, perto de 300 policiais investiram contra o público, gerando um conflito tão sério que quatro escolas não puderam sequer desfilar, tal era o tumulto.

Em 1970, a Secretária de Turismo decidiu que as escolas iriam desfilar com um tempo pré-estabelecido. - 75 minutos. Este tempo foi considerado razoável, as escolas protestaram, mas o secretário foi irredutível.

Em 1973, o carnaval já se profissionalizara. A Associação das Escolas de Samba assinou um contrato com a TV RIO dando-lhe o direito de exclusividade na venda para o exterior dos "tapes" dos desfiles e a cada parte caberia 50% do produto da venda.

No ano seguinte, devido as obras do Metrô, nova transferência, só que desta vez, foi deslocado para a Av. Presidente Antonio Carlos, área sem nenhuma tradição carnavalesca na história do carnaval carioca. Novos protestos dos carnavalescos da Cidade.

Mais tarde o desfile é transferido para a Marquês de Sapucaí, onde há a verdadeira apropriação do espaço para esta grande "festa profana", que se realiza anualmente .

## 3 - OS ESPAÇOS DESTA MANIFESTAÇÃO

O carnaval pelas proporções que adquiriu, e para manter a integridade física daqueles que participam da festa, precisa de um espaço próprio, um espaço que seja somente seu nos dias de folia.

No carnaval de rua é necessário que a rua seja fechada ao trânsito, o que implica na colaboração dos órgãos competentes do Estado para fechar e/ou desviar os veículos para outros logradouros. Estas modificações têm que ser obedecidas pela população, que de maneira geral só o farão com a presença de um policial do trânsito. Muitas vezes, isto é providenciado com antecedência, para a montagem de arquibancadas, coretos ou qualquer outra coisa que ofereça maior conforto aos foliões.

Roberto da Matta, tem um excelente estudo sociológico sobre o carnaval, o qual se transcreve abaixo:

"O centro comercial da cidade fica fechado ao trânsito, de modo que as pessoas, ligadas ou não às corporações típicas do carnaval - como os blocos e escolas de samba - possam ocupá-lo sem problemas. A rua ou avenida, assim é domesticada, já que no mundo diário das ruas do Brasil (e do Rio de Janeiro) são áreas mortais, com os automóveis trafegando em alta velocidade, como se estivessem dispostos a liquidar as pessoas. No carnaval, porém, esse centro da cidade, tão nervoso e histérico, surge como se fosse uma praça medieval: totalmente tomado pelo povo que ali anda substituindo os carros, vendo ou brincando o Carnaval. Transforma-se, pois, sob um chamado "esquema carnavalesco", um centro de decisões impessoais (onde negócios são realizados) num centro de todo tipo de encontros e dramatizações típicas do carnaval. Assim, a área bancária e comercial do Rio fica transmutada numa imensa passarela, onde as pessoas passeiam e se olham mutuamente usando os costumes apropriados ao carnaval (suas fantasias) ou não.

O centro da cidade adquire, então, um movimento próprio. Em primeiro lugar, o centro passa realmente a ser o "centro", apesar do feriado, quando as pessoas tendem a se afastar de suas áreas de trabalho. No

Carnaval, o que ocorre no Rio de Janeiro em outras cidades é que o movimento do feriado se inverte: em vez de pessoas "marcharem" em direção às praias ou bairros mais festivos e marcados (como Copacabana, Ipanema ou Leblon, no caso do Rio de Janeiro; e Icarai, no caso de Niterói), elas fazem um movimento em direção ao centro da cidade. Exatamente como ocorre num dia de trabalho. Só que nesse momento vão brincar o carnaval. Um outro ponto deve ser igualmente enfatizado é que, nesse deslocamento do Carnaval, o próprio deslocar-se é festivo (e altamente consciente), com as pessoas cantando, dançando e batucando no próprio ônibus. Tal ocorrência não se deve, obviamente, a um súbito melhoramento dos transportes urbanos durante o Carnaval, mas é que o espaço da condução se transforma num espaço carnavalesco. Agora, o ônibus não está mais transportando trabalhadores, com um horário rígido para chegar ao escritório ou oficina, mas "foliões" seguros de que as coisas só terão início quando chegarem. O momento de passagem dentro de um transporte coletivo lotado que - no mundo diário - é considerado como um dos mais claros infernos urbanos, no Carnaval se transforma num momento de alta criatividade: um período para ser vivido intensamente, por meio de risos, brincadeiras e contatos corporais. É o deslocamento consciente e, por isso mesmo, altamente ritualizado e invertido. Muito diferente da marcha para o trabalho, que não pode ser curtida porque nela entramos num espaço de tempo vazio, "de tempo que deve ser morto" (cf. Goffman, 1967).(23)

Com o título "Espontaneidade toma conta das ruas", transcreve-se, a reportagem de um jornal de fevereiro de 1989.

"Eu choro, eu grito  
E falo porque amo o meu país  
Só não podem exportar  
A esperança deste povo ser feliz"

"Como no samba da São Clemente, Made in Brazil, yes nós temos bananas, o carnaval de rua resiste, com alegria, irreverência e criatividade -- a esperança de ser feliz continua viva dentro de cada folião. As

fantasias que denunciavam de forma caricata a miséria, a corrupção, o desrespeito ao ser humano vinham de pessoas dos subúrbios do Rio, foliões que garantem um carnaval espontâneo, como os de antigamente. Durante os quatro dias de festa, a Av. Rio Branco, no centro do Rio, ficou tomada de gente: famílias inteiras, muitas crianças e casais passeando de braços dados. Um footing no coração da cidade grande".(24)

O mesmo acontece com os clubes, alguns fechados e destinados a uma elite, mas que abrem suas portas apenas nestes dias através da venda de ingressos (reforçando seu caixa com esta renda, uma vez que normalmente esses ingressos são vendidos a preços altos), para aquelas pessoas que podem comprá-los. Ai se misturam várias classes sociais e não há apenas a elite de sócios do clube, o que existe são os foliões do carnaval.

Mas os clubes também se preparam para o carnaval, decorando seus espaços com alegorias de acordo com o tema escolhido, o que torna o clube um espaço próprio do Carnaval.

Voltando a Roberto da Matta, este nos diz:

"... Repete-se, então, a mesma lógica do "Carnaval de rua", com espaços e planos carnavalescos mais ou menos bem ordenados, mais ou menos fechados. No salão, que é o centro ou arena da festa, o plano é individual ou coletivo. Aqui, temos uma estrutura aberta, como a própria rua, com um desfile permanente de pessoas (os chamados "foliões"= loucos), brincando de modo individual (isto é, sozinhos), em casais ou coletivamente, num movimento circular de modo que todos são vistos por todos e pelos que estão nas mesas ou nos "camarotes". O espaço ocupado pelas mesas e pelos camarotes representa um plano muito mais privado e muito menos aberto, pois aqui temos grupos de pessoas (geralmente famílias ou grupos de casais amigos) incorporadas. A área das mesas e dos camarotes, então, simboliza ou dramatiza a própria casa, local onde as pessoas observam o povo desfilando nas ruas (aqui, o salão). O mesmo ocorre com os camarotes, com a diferença de que seu espaço é ainda mais fechado e as pessoas ali podem

ser bem mais vistas por quem está no salão ou em outro local do clube. Entre o camarote, a mesa e salão temos um perfeito continuum, embora esse continuum possa ser sempre recortado em termos de "brincar no camarote". Como se observa repete-se a mesma oposição rua/clube".(25)

"Resistir ao som agudo e vibrante de um agogô, quem há -- de ?"

Haroldo Costa

Fora isso, ainda se tem o carnaval dos bairros; são vizinhos, amigos, etc. que se unem e formam suas bandas. Algumas ficaram famosas, como a Banda do Leme, a Banda de Ipanema e outras ... e desfilam pelas ruas do bairro nos dias antecedentes ao carnaval ou até em outros momentos, longe do carnaval, como é o caso dos períodos dos campeonatos da Copa do Mundo, onde a manifestação popular quer participar da grande comemoração que são os jogos do Brasil.

As bandas ocupam o espaço das ruas de forma aleatória, e com seu batuque vão atraindo a multidão e dominando um espaço que estava sendo usado de outra forma; aí não precisam de alegorias, basta o som para atrair a população.

Aquí, ainda, não se poderia deixar de mencionar um dos espaços utilizados pelos foliões nos dias de carnaval de forma intensa, e que foi sem dúvida, o melhor meio de transporte utilizado pelos carnavalescos que foi o bonde. Utilizado tanto para locomoção, como, também, serviu de tema para canções carnavalescas, principalmente a partir da década de 30.

Os músicos da época aproveitavam-se dos tipos que frequentavam os bondes, o condutor, o horário cronometrado em que os bondes passavam, como inspiração para suas músicas, como aquela composta por Célia Boechat e Áurea B. de Souza, em 1931, vencedora do concurso de músicas para o carnaval instituído pela Casa Édson, com o título "Marcha do Horário". Em 1941, pode-se resgatar a música "O Bonde de São Januário", composto pela dupla Wilson Batista e Ataulfo Alves, gravado pelo cantor Ciro Monteiro, e hoje reconhecido como um clássico do carnaval, revelava em sua letra a preocupação do Estado Novo, cujas autoridades recomendavam aos compositores que abandonassem o tema da malandragem e estimulasse o povo ao trabalho, e dizia:

"Quem trabalha é quem tem razão  
Aí digo e não tenho medo de errar  
O bonde de São Januário  
Leva mais um operário  
Sou eu que vou trabalhar".

A importância extraordinária assumida pelos bondes, era exatamente a de sempre, ou seja, dar lugar para mais um. E essa característica não deixaria de contribuir para a marcha de Paulo Carvalho, composta em 1938, com o nome de "Endereço Errado", e que dizia o seguinte na segunda quadra:

"Amor eu sei que você não tem ... não  
Mas isso não faz mal algum  
Seu coraçãozinho é um estribo de bonde  
Que tem sempre lugar para mais um"

Como o carnaval ocorre no verão, que se caracteriza por fortes pancadas de chuva, era no bonde que se refugiavam os blocos, com os foliões carregando seus surdos, caixas e cuicas, e se alojavam nas "cozinhas" dos bondes (nome moderno das antigas plataformas em pé), continuavam a batucada até que o tempo melhorasse. Era costume, então, fugir ao pagamento das passagens, obrigando ao condutor engolir "já paguei" para evitar brigas e confusões.

Até este não pagamento do bonde foi aproveitado pela dupla J. Cascata e Leonel Azevedo, deixando registrada essa particularidade do espírito carnavalesco carioca, na marcha: "Não Pago o Bonde", e que dizia:

"Não pago o bonde Yayá  
Não pago o bonde Yoyô  
Não pago o bonde  
Que eu conheço o condutor  
Quando estou na brincadeira  
Não pago o bonde  
Nem que seja por favor"

Assim carregado de lirismo o bonde chegou ao fim da Guerra, quando começou sua decadência como meio e transporte. Iniciada a ocupação intensa da Zona Sul da Cidade, uma cidade imprensada entre o mar e a montanha o bonde somente servia para dificultar o tráfego que se tornava cada dia mais intenso.

A expressão respeitável de "bonde do horário" foi pouco a pouco deixando de ser, e, essa decadência não deixou de ser sentida pelos compositores. Algumas músicas passam a enfocar de maneira sutil, apenas insinuando, o atraso dos bondes e o prejuízo que isto trazia para o trabalhador.

A partir de 1950, está marcada a decadência do bonde não só como meio de transporte mas, também, como tema de música. Assim mesmo ainda se fez algumas músicas enfocando a figura do condutor, como a música "A conduta do Taioba", onde se acusava o condutor de fazer-se sócio da Light, Companhia que explorava comercialmente as linhas de bonde da Cidade.

Na década de 60, o bonde desaparece praticamente da paisagem da cidade e da vida do carioca. Ao ser retirado dos subúrbios retirou também um pouco da vida do carnaval desse locais, uma vez que os bondes eram tidos como o salão de carnaval dos pobres.

É mais uma interferência do Poder Público na vida da cidade e da população, que de certa forma reflete-se no carnaval. Ao retirar as linhas de bonde, não retirou apenas um meio de transporte, retirou uma parte da alegria dos bairros por onde o bonde passava levando os foliões.

## 4 - AS INTERFERÊNCIAS DO PODER PÚBLICO

"Mais do que em qualquer época anterior, os homens vivem hoje à sombra do Estado. Aquilo que eles pretendem obter, individualmente ou em grupos, depende agora fundamentalmente da sanção e do apoio do ESTADO. Uma vez, porém, que tal sanção e apoio não são aplicados indiscriminadamente, devem buscar influenciar e dar forma ao poder e ao objetivo do Estado, de maneira cada vez mais direta, ou tentar apropriá-los em conjunto. Os homens competem pela atenção do Estado ou pelo controle do mesmo e é contra o ESTADO que batem as ondas de conflito social. É ao ESTADO que os homens encontram, em escala cada vez maior, quando enfrentam outros homens. Eis por que, como seres sociais, eles são seres políticos, quer saibam ou não. É impossível não estar interessado naquilo que o ESTADO faz, mas não é possível deixar de ser afetado por isso. Tal problema adquiriu na época atual uma dimensão nova e definitiva..."(26)

Ao longo de toda esta exposição, a presença do Estado como articulador de poder pode ser percebida através, na maioria das vezes, das ações policiais, da perseguição aos sambistas, na destinação de espaços para as entidades evoluírem suas músicas nos dias de carnaval, nas leis, decretos etc., interferindo na maior festa popular do mundo.

A interferência no carnaval, por duas vezes proporcionou ao povo dois carnavais.

O médico Dr. Castro Lopes, em 1899, publicou um artigo no jornal O País, que decrevia as doenças provocadas pela associação dos festejos carnavalescos e o clima instável nesta época do ano, o artigo dizia:

"É quase sempre em fevereiro que se celebra o carnaval. Todos sabem que a alta temperatura naquele mês, decrescendo muitas vezes rapidamente por chuvas torrenciais e ventos do quadrante sul, é origem de várias

manifestações patológicas e que, portanto, os bailes, os passeios processionais e toda a sorte de loucuras patrocinadas nesses três dias podem ocasionar e ocasionam doenças mais ou menos graves, suscetíveis até de êxito fatal".(27)

Os carnavalescos pouco se importaram com este artigo do médico. Mas este foi apoiado, principalmente por seus colegas de profissão. O artigo foi esquecido neste ano, retornando no ano seguinte aos noticiários dos jornais. Comentava-se que o artigo 261 do Código de Posturas Municipais, marcara para o ano de 1891 e anos subsequentes nova data para o carnaval. Passaria a se realizar no último domingo de junho e nos dois dias seguintes, já que este mês era considerado o mais saudável da cidade.

Como a data já estava absorvida pelos cariocas, esta mudança foi ignorada pelo povo que realizou o carnaval em fevereiro com a alegria de sempre.

Em 1892, o jornal O País publicou um artigo intitulado CARNAVAL, dizendo:

"Há alguns dias que a Intendência Municipal, do Major França Leite, resolveu que as festas do carnaval deste ano fossem transferidas para junho. Esta resolução baseia-se em interesse de higiene ... e ninguém se opõe, ninguém guerreia essa transferência deliberada embora relativamente pouco tempo antes da realização das festas; o que hoje se pretende, o que, no interesse de grande número de pessoas, de uma parte avultada da população se reclama é que essa transferência seja aprovada ou recusada por ato do Ministro de Interior que a deve ultimar". "... a resolução da Intendência veio lançar na população fluminense uma indecisão prejudicial a grande número de casas comerciais, que, por esta época, tem os seus armazéns abarrotados de fazendas e utensílios de carnaval e que vêm paralizadas completamente as suas vendas".(28)

Mesmo com os jornais fazendo campanha em favor do comércio para que o carnaval continuasse em sua data normal, afinal, em 7 de fevereiro, surgiu uma comunicação oficial:

"O Sr. Ministro de Interior mandou executar a postura da Intendência Municipal que transfere as festas carnavalescas para 26, 27 e 28 de junho".

A pressão para que a festa fosse realizada na nova data era, também, muito forte por parte da policia, que avisava: os grupos não sairão a não ser nesta data. E, para quem desobedecer a medida, estão prometidas multas e prisões.

A medida tomada pela Intendência parece que serviu apenas para aumentar o entusiasmo do folião. Um jornal comentou:

"A folia é sôfrega, não contemporiza".

A lei não foi obedecida na íntegra, uma vez que o carnaval foi realizado dentro das casas e dos clubes; o de rua, teria que ser quando a lei permitisse. Em junho realizou-se o carnaval de rua. Os clubes tornaram a abrir suas portas para o segundo carnaval do ano, o carioca não dispensava a folia.

No ano seguinte 1893, a medida caiu, venceram os foliões que tiveram a partir daí a festa na sua época tradicional. A medida autoritária e arbitrária, serviu apenas, já nesta época, para desmoralizar as medidas públicas sem o aval da população.

O carioca voltou a ter dois carnavais em 1912.

Em fevereiro de 1912, falecia o Barão do Rio Branco, e um senhor sob o pseudônimo de Colombo escreveu longa carta ao jornal Gazeta de Notícia, onde falava dos feitos do Barão e solicitava aos altos comandos do Exército e da Armada e às diretorias das Sociedades que possuíssem bandas de música "a fim de que elas não cedam nem aluguem essas bandas pelo carnaval". "Assim -- dizia o missivista -- não há carnaval; não pode haver carnaval pois o Barão do Rio Branco morreu".

As opiniões dividiam-se, uns achavam que deveria ser suspensa a festa, outros que deveria permanecer em sua

data normal. Os órgãos da imprensa mais carnavalescos apareceram logo com uma proposta que parecia ser a solução: será adiado ou não o carnaval ?.

O então Prefeito da cidade Bento Ribeiro, declarou publicamente:

"-- Pessoalmente sou pelo adiamento, mas como Prefeito não é da minha alçada proibir ou adiar festas carnavalescas, festas religiosas quem teem suas datas. Apenas, como há uma corrente tendendo para o adiamento e para que o comércio não tenha prejuízo, proroguei as licenças gratuitamente até abril".(29)

Com isso o carnaval deste ano acabou sendo transferido para os dias 9, 10 e 11 de abril.

Mas ao contrário de 1892, quando o povo fez seu carnaval nas casas e nos clubes, no sábado de carnaval de 1912, as ruas encheram-se de pessoas -- foi um delírio. No dia seguinte, domingo, a cena repetiu-se: a Avenida recebeu os blocos, arrancando aplausos da população.

Com a aproximação do mes de abril, reiniciava o movimento para o carnaval oficial da cidade. Um jornal publicou:

"... a cidade dorme ao peso da tristeza. é Sexta-Feira Santa. Em recompensa, amanhã o prazer será louco e intenso. Amanhã começam os festejos de Momo ou o Reinado da Folia".(30)

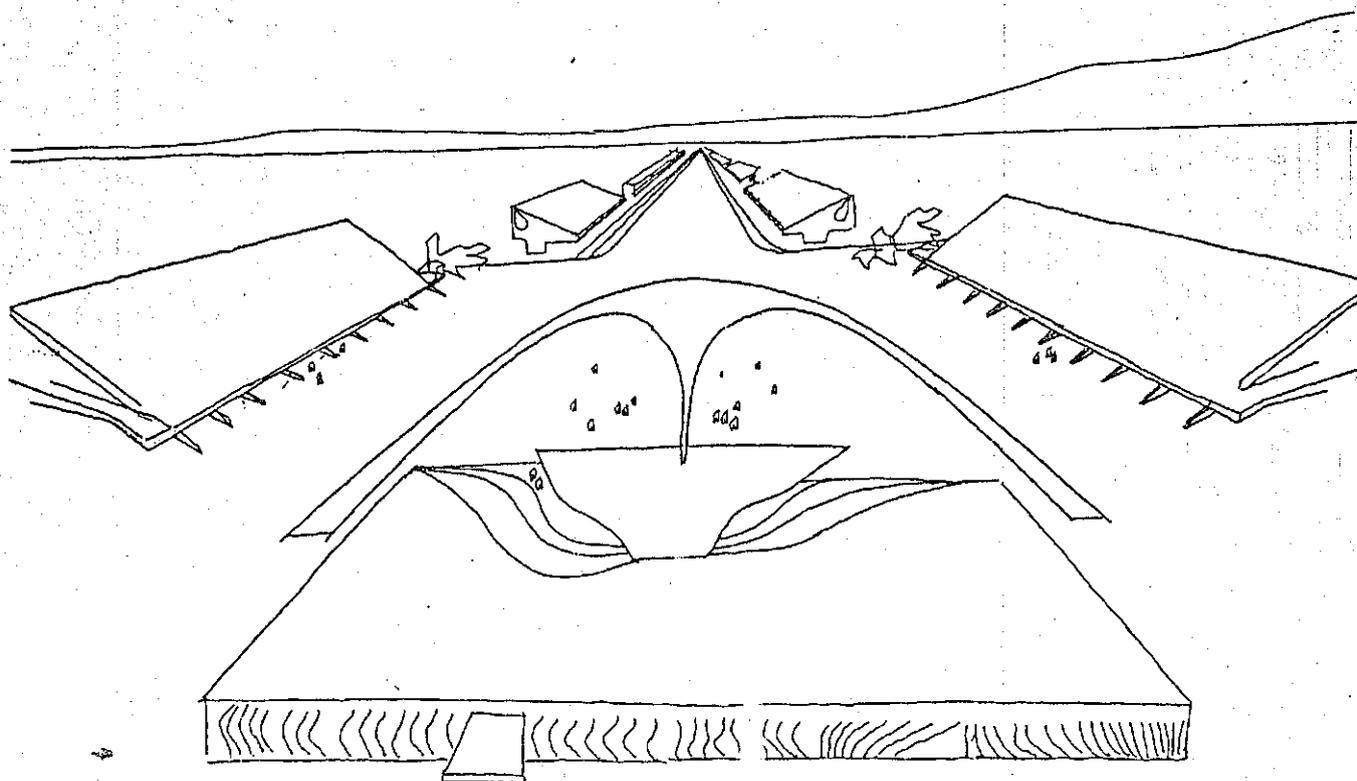
Após o segundo carnaval do ano, a Gazeta de Noticias, publicou:

"Verdade, verdade, o reinado de Momo este ano fez reprise e em lugar de 3 dias, durou 6. E nem assim foi menor o entusiasmo!" (31)

Mais algumas vezes o carnaval esteve ameaçado de adiamento ou cancelamento. Por duas vezes o jornal Correio da Manhã propôs seu adiamento devido a Guerra Mundial. Como as experiências anteriores de modificação da data do carnaval ainda estava na lembrança dos dirigentes da cidade, estes foram prudentes e deixaram que a festa fosse realizada em sua data tradicional. A partir do ano de 1912 não foi mais modificado o período carnavalesco.

A grande interferência do Estado no carnaval da cidade, sem dúvida alguma, deu-se com a apropriação de um espaço fixo, irremovível e destinado aos desfiles -- a apropriação de um espaço no bairro do Catumbi. Nele foi construída a "PASSARELA DO SAMBA".

# A PASSARELA DO SAMBA



## 5 - A APROPRIAÇÃO DE UM ESPAÇO - O SAMBÓDROMO

Embora tenha sido um assunto bastante polêmico, a partir do momento em que se divulgou sua execução, a Passarela do Samba, Avenida do Samba ou Sambódromo- hoje é mais um símbolo da Cidade do Rio de Janeiro e da maior festa popular do mundo- o CARNAVAL.

O desfile das escolas de samba era realizado na Rua Marques de Sapucaí desde o final dos anos 70, onde anualmente eram montadas e desmontadas as arquibancadas com estrutura de ferro tubular. Isto causava além de grandes despesas para o Município, alterações no cotidiano das pessoas que por ali passavam ou moravam, durante um período de pelo menos quatro meses anuais.

O então Governador do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Leonel Brizola, teve a idéia de instalar definitivamente os eventos carnavalescos, e, para outros usos que serão descritos mais adiante.

A idéia foi combatida por uns, que achavam desperdício de verbas para um uso tão específico, já que o carnaval dura apenas quatro dias. As próprias escolas de samba se manifestaram contrárias ao projeto e ameaçavam não desfilar neste novo espaço a elas destinado.

De outro lado, havia os que aplaudiam a ousadia do empreendimento, e alegavam que chegava ao fim o monta e desmonta das arquibancadas, que representavam grandes despesas para a Prefeitura e mais ainda, por ter condições de ser utilizado durante todo o ano.

O projeto arquitetônico definido tinha dois grandes eixos para o seu uso: um relativo ao desfile carnavalesco e o outro de caráter cultural. Face a estas características, o primeiro era destinado ao público para assistir aos desfiles das escolas de samba durante o carnaval; o segundo destinado a ocupação deste espaço durante todo o ano pela comunidade do bairro onde se instalaria o complexo do samba, já que se previa a utilização do local para uma escola. Seria uma espécie de retribuição pela alteração por que passaria o bairro com a presença da Passarela do Samba.

A execução do projeto foi entregue ao renomado arquiteto Oscar Niemeyer, que declarou:

"O projeto devolve ao povo o desfile das Escolas de Samba. Para isso os camarotes foram suspensos para a cota +3, ficando o térreo- toda a área entregue ao povo, como se diz. Acompanha o desfile: de um lado,

seis blocos de arquibancadas separadas 30 metros com o objetivo de criar praças populares. Do outro lado, um grande bloco de camarotes que segue até o fim do prédio da Brahma.

Na parte final do desfile, as arquibancadas se separam criando a grande praça, solução que dará ao desfile uma nova possibilidade de dança, beleza e movimento. Sua monumental apoteose. Aí foi localizado o Museu do Samba, com seus largos degraus - o palco - abrindo para a praça e Museu propriamente dito para a Rua Frei Caneca. É o fecho da composição que um grande arco assinala, suspendendo a placa de som.

Mas o programa da Passarela não previu apenas os festejos do carnaval. Para os outros dias estarão funcionando seis grandes escolas, creches, centros de saúde, ateliers de artesanato, etc.. E a praça, a grande praça, servindo a espetáculos de balé, teatro, música popular, comícios, etc.. Tudo isto vai conferir ao empreendimento um caráter humano e cultural inesperado, qualificando-o como um dos mais importantes centros de cultura do País". (32)

O conjunto arquitetônico foi concebido para um público total de 88.500 pessoas, assim distribuídos:

Arquibancadas	50.000 pessoas
Geral	30.000 pessoas
Cadeiras de pista	3.500 pessoas
Camarotes	5.000 pessoas

Uma obra de tal envergadura para muitos significava anos de trabalho, achava-se que o tempo previsto para a sua execução, 120 dias, não seria suficiente para seu término e que o carnaval de 1984 ficaria prejudicado e sem lugar para seu desfile. Mas estes desafios foram, sem dúvida, estímulos para o Grupo de Trabalho que estava encarregado de sua execução.

O responsável pelo cálculo estrutural o Engenheiro José Carlos Sussekind, declarou:

"A solução de engenharia para esta obra se baseou, evidentemente no seu parâmetro singular: o prazo necessário a sua conclusão. Poucos projetos me encantaram, ultimamente, tanto como este. Muito menos por sua complexidade e bem mais, talvez dentro do espírito da lei de ação e reação: cada vez que - às vezes levianamente, com pouco ou nenhum conhecimento da matéria - leigos ou técnicos declaravam temerosos, tímidos, assustados, ser inviável se alcançar a meta de prazo requerida, mais se aguçava nosso apetite para enfrentar e vencer o desafio, mostrando - mais uma vez que o concreto armado, bem concebido e executado, é solução inigualável em elegância, custo e integração com arquitetura.

A concepção estrutural e a decorrente solução - construtiva se utilizou da pré-fabricação parcial. Para todos os blocos de camarotes e arquibancadas, a filosofia foi a execução, "in loco", dos pórticos transversais, paralelamente à pré-fabricação das peças longitudinais - pisos e coberturas dos camarotes e degraus das arquibancadas - posteriormente montadas e monolitizadas através de pequenas concretagens de solidarização. Evitou-se toda complicação desnecessária e utilizaram-se, basicamente, dois tipos de pré-moldados: lages tubadas para pisos e coberturas; peças em "L" para degraus das arquibancadas.

O Museu do Carnaval é, evidentemente, uma jóia arquitetônica - um marco eterno para o Rio de Janeiro - e como tal foi tratado. O cálculo estrutural buscou a máxima elegância e arrojo para o arco que se suspende a carga da marquise de cobertura do palco. A secção do arco é triangular, visando obter uma forma que, em vista lateral, dá a ela a configuração de um obelisco. A marquise tem expressiva leveza, lembrando a asa de um pássaro voando, tal como concebido pela arquitetura.

Uma menção especial ao entusiasmo e qualidade - das empresas construtoras que aturam é obrigatória. Sem isto, jamais, teríamos chegado a tal resultado. Do mesmo modo, não se pode esquecer o enorme apoio e estímulo que recebemos - em todos os instantes - por parte do Governador e do

Vice-Governador Rio de Janeiro. Estou certo que ao falar estas menções estou falando em duas outras pessoas que durante quatro meses se debruçaram sobre este empreendimento: os arquitetos Oscar Niemeyer e João Otávio Brizola.

Desta forma, dezessete mil metros quadrados de concreto armado foram executados e cinquenta e cinco mil metros quadrados construídos em 120 dias, com a obra entregue rigorosamente dentro de tempo pré-estabelecido, inclusive com avanço de partes dela sobre o cronograma original. E, assim, obteve-se, mais uma vez, graças a correta integração entre arquitetura e técnicas de construção, uma solução que conciliou beleza (evitando as abomináveis arquibancadas tubulares ou em chapas de aço) com economia, conseguindo-se uma obra que se pagará em dois carnavais, e trazendo, ainda, o "troco" nada desprezível de um completo complexo educacional, com 10.000 metros quadrados de área, 200 salas de aula, que servirá a cerca de 15.000 crianças.

Para todos que participamos deste projeto, ele significou mais ainda do que uma obra definitiva, auto-financiada, para o turismo do Rio de Janeiro, mais do que o grande conjunto escolar que criou - uma vitória da audácia, da imaginação criadora do otimismo responsável do uso consciente e completo da tecnologia sobre a covardia, a inércia e ceticismo daqueles que nada criam porque não ousam".(33)

José Carlos Sussekind

A obra foi executada por dois consórcios de firmas empreiteiras e cada firma ficou encarregada da execução de partes da obra. Outra firma ficou responsável pela execução das instalações elétricas, instalações hidráulicas e de energia.

O trabalho era ininterrupto durante 24 horas, o que exigia um grande esforço das empreiteiras e da fiscalização. A obra esteve a cargo de uma Comissão Especial Coordenadora designada pelo Governador e presidida pelo Vice-Governador Prof. Darcy Ribeiro, envolvendo a Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos, Secretaria Municipal de Turismo e a Riotur.

Sobre a Passarela do Samba, justificando o seu projeto, o arquiteto Oscar Niemeyer fez a seguinte observação:

"... o outro aspecto, para mim igualmente importante, num País como o nosso cheio de incompreensão e desesperança, foi a construção da Passarela em 4 meses apenas tempo recorde -- e, que é surpreendente, dentro de técnica construtiva mais apurada, mostrando a todos o progresso de nossa engenharia e como dele se servem os nossos engenheiros quando um problema os convoca e, num desafio, neles passam a atuar." (34)

Como foi mencionado anteriormente, o projeto do Sambódromo teria duas utilizações, para festas populares e a outra de aspecto cultural; e dessa segunda alternativa de uso que nos deteremos agora. Após o período carnavalesco, o espaço será transformado em escola.

São ao todo nove grandes blocos que serão utilizados pelas seguintes ocupações: creche, maternal, pré-escolar, primeiro grau, ensino supletivo, escola parque, escola de dança e ginástica, e escola de música, além de um centro de saúde.

Para o Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) que aí se pretende instalar, e que tem como objetivo básico dar às crianças e jovens atenção individualizada e de proporcionar vivências diversas que estimulem seu impulso criador e sua curiosidade, permitindo-lhes um desenvolvimento pleno como ser total.

Assim, quando o carnaval passar, os blocos de concreto continuarão generosamente cheios de vida, cumprindo o compromisso máximo do Governo Leonel Brizola, de devolver à juventude do Estado do Rio de Janeiro seus direitos: a necessária complementação alimentar, os cuidados primários de saúde e a mínima instrumentalização indispensável à participação social produtiva, qual seja o aprender a ler, escrever e contar.

E na "Avenida do Carnaval", o desfile dos estudantes durante todo o ano será o dado de realidade que dará mais força e beleza à fantasia das Escolas de Samba, expressão fascinante da sensibilidade cultural.

A capacidade será de 15 mil alunos. A creche terá seis berçários e quatro salas para atividades, capazes de atender 140 crianças, de três meses a três anos. Há previsão de dezessete salas para o centro pré-escolar,

um Centro Administrativo, um Conjunto de Serviços Gerais, para o atendimento de 357 crianças em dois turnos.

O maternal destinado a crianças de dois a quatro anos terá salas de atendimento com a capacidade de 252 crianças, por turno. O primeiro grau de primeira a quarta séries e da quinta a oitava séries terão 44 salas de aula. Haverá além disso o laboratório e Sala de Atividades Múltiplas com a capacidade de atender a 5.382 alunos/dia em três turnos. A Escola Supletiva está prevista para o atendimento de 1.560 alunos.

Além desta atividade cultural de evidente importância para a comunidade, a área da Passarela do Samba tem também, uma destinação para a área de lazer, fora sua finalidade principal -- o carnaval.

No final da Avenida do Samba, ergue-se um grande arco -- a Praça da Apoteose, e uma grande área aberta que servirá para as mais diferentes manifestações públicas, de teatro, de comício, desfile de alunos, solenidades cívicas, etc., e outros eventos, como: bailes populares, atividades esportivas, shows, etc..

Este grande conjunto arquitetônico tornou-se mais um símbolo do Rio de Janeiro, -- junto aos internacionalmente conhecidos: Copacabana, Pão-de-Açúcar e o Cristo Redentor -- e contém, resumidamente, os seguintes elementos de utilização:

Conjunto Pedagógico	52 unidades
Salas de aulas	200 unidades
Bares	47 unidades
Sanitários	122 unidades

O Sambódromo, fechando-se os dados técnicos, generalizadamente:

Ocupação - área total do complexo	- 85.000m <sup>2</sup>
Projeção da área construída	- 17.000m <sup>2</sup>
Área total da construção	- 55.000m <sup>2</sup>
Pista para o desfile	- 700m

O período de duração da obra foi realmente o previsto. A construção teve início em 17 de outubro de 1983 e terminou em 17 de fevereiro de 1984, sendo oficialmente inaugurada em festa solene pelo Governador do Estado do Rio de Janeiro, as vésperas do carnaval,

sexta-feira -- 2 de março de 1984.

Após sua conclusão, a obra arquitetônica passou a integrar a paisagem carioca e acabou por ser aceita pela população que até a batizou, carinhosamente, de Sambódromo.

A área selecionada para a construção da Avenida do Samba corresponde aquela onde já fazia-se os desfiles nos anos anteriores, isto é, o bairro do Catumbi mais precisamente a Rua Marques de Sapucaí, entre o Viaduto São Sebastião, o prédio da Brahma e a Travessa Onze de Maio e, entre a Avenida Presidente Vargas e Rua Frei Caneca.

O Catumbi foi ocupado nas duas primeiras décadas do século vinte e se caracterizava por casas baixas na beira da calçada. O bairro já havia sido bastante descaracterizado com a construção do viaduto São Sebastião. Ruas inteiras foram demolidas com a chegada do progresso modificando inteiramente o espaço. O bairro foi dividido ao meio, de um lado a parte que faz fronteira com o bairro de Santa Tereza, e de outro, o lado do cemitério, que por sua vez também sofreu outra alteração violenta com a construção de um conjunto habitacional contrastando com o casario baixo.

A população que reside neste bairro, é em sua maioria de trabalhadores do comércio, indústria, etc. enfim uma classe média baixa, que via no bairro um local próximo ao seu local de trabalho e ao centro de serviço da cidade.

Muitas pessoas que tiveram as suas casa demolidas foram obrigadas a procurar nova residência na área periférica da cidade, uma vez que seu poder aquisitivo, aliado aos altos aluguéis, não permitia que continuassem morando próximo ao centro. Decorrente disto empobreceram mais ainda e tiveram, também, mais deteriorada sua qualidade de vida.

O Sambódromo tornou a provocar as mesmas situações do viaduto, o que revoltou aqueles que foram atingidos pela apropriação de um espaço que lhes pertencia pelo Município para uma área de lazer.

Uma reportagem que retrata a vida dos moradores do Catumbi intitulada "Os Vizinhos da Festa", e transcrita a seguir, demonstra a realidade daqueles que vivem o cotidiano da área da "Passarela do Samba".

"Hoje e amanhã vai ser difícil dormir com a zoeira do samba. Mas sem reclamação. Os moradores das rus vizinhas ao Sambódromo já estavam com suas geladeiras abarrotadas há uma semana de muitas cervejas, refrigerantes, salsichas e linguças. Todos vão faturar uma grana extra com o carnaval,

trocando o sono tranquilo por um vai e vem incessante entre a porta da rua e a cozinha.

"Meu caldo verde faz o maior sucesso", garante o jornalista Jorge Nicolino Scalco, 38 anos, nascido e criado na Travessa dos Matozinhos, que fica bem atrás das grades do Sambódromo. Ele viu a Passarela do Samba ser construída, perdeu os vizinhos que ocupavam a área demolida, enfrentou a falta d'água e o esgoto entupido provocados pelas obras, mas hoje não reclama de viver ali.

"O aluguel é barato e qualquer festividade que aconteça no pedaço é a chance de aumentar a renda no final do mês, contabiliza. O cenário das ruas vizinhas ao Sambódromo é desolador. As casas, construídas no início do século estão caindo aos pedaços, o cheiro de urina e o lixo permanente tornam o ar irrespirável no verão de 42 graus. Mas quem mora ali não quer sair de jeito nenhum. "O lugar ficou tao cobiçado que é só pintar a casa para aparecer gente perguntando se vai haver mudança", diverte-se Elza Dias Araújo, que há 15 anos mora no último andar de um dos três prédios baixinhos da Travessa 11 de Maio. Elza mora com o marido comerciante e a filha Samantha ("só vejo show de rock") num apartamento de dois quartos, paga CZ\$ 7 mil de aluguel e não pensa em trocar de enderêço. Nestes dias de carnaval, ela como todos os vizinhos, não arreda o pé de casa. Bota uma roupa bem fresquinha e fica na porta do prédio, observando os sambista entrarem na pista. "No final eles passam por aqui e a gente vê de perto todos os artistas". Como Elza, Arquimedes Pereira, 58 anos, mecânico aposentado, parece muito satisfeito de morar num velho sobrado de 1914. Ele vive com os CZ\$ 5 mil que recebe da aposentadoria, e aluga um dos quartos da casa para uma senhora e com isso diz sobreviver razoavelmente, pagando Cz\$ 1 mil 400 de aluguel.

A construção dos prédios da Cidade Nova fez com que a zona de prostituição que ocupava as ruas próximas se deslocasse para o final do Estácio. Por isso, nas redondezas da passarela, ficam velhas famílias, gente que já casou os filhos e continua por ali porque paga barato e pode usufruir de um lugar central. Não há nenhum comércio próspero nas redondezas. Apenas duas padarias, alguns botequins, oficinas e improvisados salões de beleza. Num deles trabalha a pernambucana Kátia Virgínia, 23 anos, que trocou Recife

pelo Rio e logo que chegou foi direto procurar uma vaga perto do samba. "O carnaval carioca é tão falado que resolvi ver e ouvir de perto a algazarra".

Na rua São Martinho, na parte dos fundos do prédio da Brahma, a figura mais conhecida é a de Zilda de Souza, 70 anos, há 38 vivendo por ali. Ela sempre causa sensação com suas fantasias caprichadas: há 49 anos desfila na Mangueira e garante que no desfile de amanhã, ao enfrentar o calorão previsto para a última escola desfilar, a verde e rosa vai conquistar o tricampeonato. Zilda é de Campos, trabalhou na enxada foi cozinheira de dezenas de botequins e hoje trabalha em casa. Vai vender muita cerveja e refrigerante hoje a noite e só sai da janela para botar a roupa de baiana e cair no samba; "antigamente isso aqui era muito barra pesada", reconhece. "Mas agora que fecham as ruas por causa do carnaval, ficou mais arejado".

Outro que não pode se queixar do movimento feérico previsto para hoje e amanhã é o português Antonio Pinto, 57 anos, há 37 atrás do balcão do Armazém São Joaquim, na esquina das ruas Anibal Benévolo e São Martinho. Sua casa chamada de Bar do Pinto, é ponto de encontro dos moradores e todas as noites fica apinhada de gente até às 22 horas. Hoje e amanhã ele abre direto e diz que vai faturar o triplo da fêria habitual servindo aos foliões. O boteco é pintado de verde e rosa, mas não tem nada a ver com a Mangueira, garante. Seu Pinto não vende fiado e não parece se incomodar com os frequentadores do bar, nem sempre sóbrios. "Conheço todas as malandragens, ninguém me passa para trás".

Do outro lado da Passarela do Samba, nas ruas que vão dar em Santa Tereza, o barulho do samba parece incomodar mais. As casa são mais modernas, os moradores de uma faixa de renda mais alta e todos revelam ter ouvidos mais sensíveis. "Isso aqui vai virar um inferno", garante Marcelo Couto Sanches, 16 anos, que mora no alto da rua Paraíso. Nem ele nem a família assistem ao vivo os desfiles --"acho que só uma vez me levaram lá"-- e só conseguem dormir porque estamos acostumados. Mesmo os dois únicos comerciantes do pedaço preferem abrir mão de uma boa receita a se exporem aos perigos de abrir as portas nestes dias de folia. Carlos Augusto Fernandes do Armazém Seta de Ouro, há 4 anos desistiu de trabalhar no carnaval.

"Depois que eles cercaram com grades o Sambódromo, o movimento piorou. Antes, o pessoal assistia uma escola passar e nos intervalos saia para beber. Agora não dá mais, e ficar aberto aqui é querer ser assaltado", informa. Seu Manoel, dono do bar ao lado, pensa do mesmo jeito e vai aproveitar os dois dias de folga para observar o movimento da janela de sua casa. Mesmo morando do lado do Sambódromo nenhum deles consegue enxergar exatamente o que acontece na Passarela do Samba. "Só com um binóculo muito potente é possível ver, de cima de um muro aqui perto, alguma coisa", conta Marcelo. "quem gosta de carnaval acaba mesmo ligando a TV. É mais prático". (35)

Ainda se falando a respeito da vizinhança.

A Companhia Cervejaria Brahma considerou-se bastante prejudicada pela construção do Sambódromo uma vez que este ficou colado ao seu prédio, impedindo, inclusive, o acesso pela portaria principal. O grande impasse entre a Brahma e o Governo do Estado do Rio de Janeiro foi rapidamente resolvido pelo Governador Leonel Brizola, que acertou com a direção da Companhia, propondo que durante o carnaval a Brahma teria direito a um camarote perpétuo em frente a portaria do prédio.

" Para se ter uma idéia dessa simbiose, o acesso ao camarote só pode ser feito pelo interior da empresa. Entre os convidados da empresa estão executivos da Pepsi e de vários supermercados, além de gerentes da Companhia que trabalham em outros estados, que naturalmente irão consumir refrigerantes e chopes lá produzidos." (36)

Não é somente a Brahma que se aproveita deste momento do desfile para realizar bons negócios.

" Carnaval é assim: até mesmo os mais sisudos executivos abandonam temporariamente suas gravatas e caem no samba. Mas, isso não significa dizer que essa atitude exclua a possibilidade de bons negócios . Algumas empresas como a Souza Cruz, provam que carnaval não é so privilégio de quem já nasceu com o samba no pé e apostam que vale a pena investir na folia. Tanto é que, a partir de hoje , 30 executivos estrangeiros importadores de fumo vão assistir ao desfile das escolas de samba por conta da Souza Cruz, que reservou quatro camarotes no Sambódromo. No mesmo embalo , convidados da Shell do Brasil e Coca-Cola vão disputar com os foliões o brilho do carnaval 89. Os empresários entenderam que este é um bom momento para fazer cortesia aos clientes e fornecedores, pois o carnaval carioca é reconhecidamente a mais badalada festa popular do Brasil. A Coca-Cola, por exemplo, há dez anos distribui convites que garantem a revendedores e fabricantes de refrigerantes de todo o País um dia de desfile assistido de camarote e com direito a acompanhante... ..coincidência ou não, desde que a Shell passou a ser presidida pelo mangueirense Robert Broughton a empresa não deixa de marcar presença no Sambódromo. Na Passarela, o presidente mostra o samba no pé, envergando as cores verde e rosa. E em quatro camarotes, os convidados da Shell assistiram ao desfile".(37)

Como se pode observar, embora não tenha sido prevista uma função comercial para o Sambódromo, ele vem realizando esta função , efetuada , espertamente pelos executivos cariocas, que se aproveitam deste evento para realizar bons negócios.

## 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade do Sambódromo existe e faz parte da Cidade.

Mas até quando?

Esta é uma pergunta que somente poderá ser respondida por aquelas pessoas que a governam. A Passarela do Samba foi construída sem ser ouvida a opinião ou participação da Comunidade onde seria inserida, por um governante que se dizia preocupado com a opinião da população. Portanto, pode encerrar suas atividades da mesma forma, sem a opinião do povo, que sempre vai estar subjugado ao Poder do Estado, que é amplo e sem limites.

Ao executar esta obra e intervir diretamente no espaço, derrubando casas, deslocando famílias e, principalmente, alterando a memória de um bairro de ocupação antiga, a grande preocupação que fica, é se dúvida com os governantes do Estado e do Município, que têm poder de alterar espaços já ocupados. Normalmente, à princípio, ocorre uma reação da comunidade, mas como esta, em geral, não tem forte poder de barganha, acaba por aceitar as modificações que lhe são impostas e procura, com isso, tirar algum proveito de sua existência.

A mudança regular dos governantes, com linhas de pensamento e trabalho diversas, leva-me a pensar se outros dirigentes não terão a idéia de marcar seu nome na história da Cidade, já que se caracterizam pela volúpia do poder e da notoriedade, e acabem por construir outros sambódromos, reiniciando em outros locais o mesmo processo por que passaram os habitantes do Catumbi.

O espaço do Sambódromo com destinação para o lazer e para a cultura vem funcionando razoavelmente. A previsão de que ali seria possível estudarem 15.000 alunos não se concretizou. Hoje, estudam nas várias escolas do Sambódromo apenas 1/3 dessa previsão, onde funcionam escolas tanto do Estado como do Município.

Estas escolas cobrem os segmentos do pré-escolar até o segundo grau.

Da Secretária de Educação do Estado do Rio de Janeiro, funcionam os seguintes estabelecimentos, e que se achou interessante divulgar, visto que alguns fogem aos padrões das demais escolas do Estado.

O Centro de Ensino Supletivo é um desses casos, que com o esquema de módulos, atende ao aluno nos três turnos. O professor fica a disposição para retirar dúvidas. O aluno pode avançar mais em uma matéria do que em outra. Atraindo desta maneira um grande número de alunos devido à desobrigatoriedade de frequentar as aulas diariamente. Aí estudam alunos tanto da Comunidade

como de bairros distantes.

A Escola Normal Cândido de Melo Leitão, de segundo grau, funciona em dois turnos.

A Escola Estadual Beliza Goulart (ex. João de CamargO), supletivo de primeiro grau. Atende alunos nos três turnos, possibilitando àqueles que desejam fazer um curso regular e por ventura trabalham à noite, frequentá-la durante o dia. Atrai alunos, em sua grande maioria, que trabalham no Centro da Cidade e moram em bairros distantes e até mesmo em municípios periféricos.

O Colégio Estadual Maria de Lourdes de Souza Pereira, de Segundo Grau, funciona em três turnos atendendo alunos da Comunidade, cerca de 80%. Os 20% restantes são de alunos que residem em outros bairros.

Há, ainda, a Creche Comunitária que atende a crianças de 3 a 5 anos, em sua maioria da própria Comunidade.

O Município do Rio de Janeiro, através da Secretária de Educação, tem aí instalado o Complexo Escolar da Avenida do Samba, com uma proposta de trabalho semelhante às dos CIEPs, onde os alunos permanecem na escola em horário integral. Abrange segmentos do pré-escolar a oitava série, que funcionam em setores distintos, tendo apenas em comum o Centro de Artes no setor 9. Atende, em sua maioria, alunos de outros bairros, sendo bastante difícil obter-se uma vaga.

O Complexo Escolar oferece, ainda, atividades para a Comunidade do Catumbi, como vídeos que são passados todas as semanas e seguidos de debates. Para breve está prevista a instalação de oficinas de artesanato, abertas a todas as pessoas que se interessarem.

Dentro do espaço funciona, um escritório da RIOTUR, que supervisiona e dá cobertura às atividades de lazer que aí ocorrem à noite e nos fins-de-semana. E há, também, a Administração Geral do Sambódromo, responsável por todo o espaço.

De uma forma geral, o Sambódromo atende a sua proposta inicial de funcionamento. A meu ver está até acima das expectativas, tendo em vista as divergências políticas entre o Governador anterior e o atual.

... e já que o espaço apropriado é uma realidade, por que não aproveitá-lo bem?...

## 7 - NOTAS DE REFERÊNCIA

- (1)- ENEIDA- "História do Carnaval Carioca". Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro, 1958.
- (2)- IDEM
- (3)- FRANÇA, Junior- "Episódio de Entrudo". Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1954.
- (4)- ENEIDA- "História do Carnaval Carioca"
- (5)- IDEM
- (6)- FILHO, Melo Moraes- "Festas e Tradições Populares do Brasil", F. Briguit, 1946.
- (7)- ENEIDA- "História do Carnaval Carioca"
- (8)- IDEM
- (9)- CÓDIGO de Posturas Municipais- Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.
- (10)- RIO, João do- "As Religiões do Rio". Organização Simões, Rio de Janeiro, 1951.
- (11)- OLIVEIRA, Agenor Lopes de- "Memória ao I Congresso Brasileiro de Folclore". Correio Paulistano, São Paulo, 1951.
- (12)- ENEIDA- "História do Carnaval Carioca"
- (13)- ALMIRANTE- "O Carnaval do Rio de Janeiro de 1900 a 1914". Jornal A Manhã, 1948.
- (14)- MÁXIMO, João- "A Maratona durou 29 horas. Valeu". Jornal do Brasil, 1989

- (15)- CARNEIRO, Edison- "A Sabedoria Popular". Instituto Nacional do Livro-MEC, Rio de Janeiro, 1965.
- (16)- IDEM
- (17)- CABRAL, Sérgio- "As Escolas de Samba: o que, quem, como, onde e porquê?". Editora Fontana, Rio de Janeiro, 1974.
- (18)- IDEM
- (19)- IDEM
- (20)- IDEM
- (21)- IDEM
- (22)- IDEM
- (23)- MATTA, Roberto da- "Carnavais, Malandros, e Heróis". Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1983.
- (24)- JORNAL do BRASIL- Caderno Cidade. Rio de Janeiro, 8/2/1989.
- (25)- MATTA, Roberto da- "Carnavais, Malandros, e Heróis".
- (26)- MILIBAND, R.- "O Estado na Sociedade Capitalista". Zahar Editora, Rio de Janeiro.
- (27)- ENEIDA- "História do Carnaval Carioca".
- (28)- IDEM
- (29)- IDEM
- (30)- IDEM
- (31)- IDEM

- (32)-REVISTA Municipal de Engenharia. Prefeitura da  
Cidade do Rio de Janeiro, Secretária de Urba-  
nismo, Volume XXIX, outubro/dezembro de 1983.
- (33)- IDEM
- (34)- IDEM
- (35)- RITO, Lúcia- "Os Vizinhos da Festa". Jornal do  
Brasil, Revista de Domingo, Ano 12,  
número 615, 14/2/1988.
- (36)- MACIEL, Elane e Bensimon, Cláudia- "Carnaval  
também é época de realizar bons negócios".  
Jornal do Brasil, 5/2/1989.
- (37)- IDEM

## BIBLIOGRAFIA

ALMIRANTE- "O Carnaval no Rio de 1900 a 1914". Jornal A Manhã, Rio de Janeiro, 1948.

ARAÚJO, Ari- "As Escolas de Samba, um episódio antropofágico". Editora Vozes/SEEC, Rio de Janeiro, 1978.

BRIABRE- "Carnaval Sempre Carnaval". Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S.A., Edição Comemorativa do IV Centenário, Rio de Janeiro, 1965.

CABRAL, Sérgio- "As Escolas de Samba: o que, quem, como, onde e porquê?". Editora Fontana, Rio de Janeiro, 1974.

CAMPOS, Alexandre & da Costa e Silva- "Dicionário de Curiosidades do Rio de Janeiro". Comércio e Importação de Livros CIL S.A., São Paulo, 1965.

CARNEIRO, Edison- "A Sabedoria Popular". Instituto Nacional do Livro-MEC, Rio de Janeiro, 1965.

CÓDIGO de Posturas Municipais- Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

COARACY, Vivaldo- "Memórias da Cidade do Rio de Janeiro". Coleção Documentos Brasileiros, Livraria José Olympio Editôra, Rio de Janeiro, 1955.

DANTAS, Beatriz G. Taieira- "Cadernos de Folclore".  
MEC/FUNARTE, Rio de Janeiro, 1976.

ENEIDA- "História do Carnaval Carioca". Editora  
Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro, 1958.

FILHO, Melo Moraes- "Festas e Tradições Populares do  
Brasil". F. Briguit, 1946.

FRANÇA, JÚNIOR- "Episódio de Entrudo". Jornal Correio da  
Manhã, Rio de Janeiro, 1954.

JORNAL do Brasil- "Caderno Cidade". Rio de Janeiro,  
Edições de 5/1, 9/1, 10/1, 13/1, 14/1, 16/1, 17/1,  
19/1, 20/1, 24/1, 27/1, 28/1, 30/1, 31/1, 1/2, 4/2 e  
8/2.

JORNAL do Brasil- "400 Anos Memoráveis- Carnaval", Rio  
de Janeiro, 18/11/1965.

MACIEL, Elane e Bensimon, Cláudia- "Carnaval também é  
época de realizar bons negócios". Jornal do Brasil,  
Primeiro Caderno, página 19, 5/2/1989.

MANCHETE- "Belacap em Ritmo de Sambodrómo". Bloch  
Editores S.A., Rio de Janeiro, número 1640,  
24/9/1983.

MATTA, Roberto da- "Carnavais, Malandros e Heróis".  
Quarta Edição, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1983.

MAXIMO, João- "A Maratona durou 29 horas. Valeu". Jornal do Brasil, Caderno Cidade, Rio de Janeiro, 8/2/1989.

MILIBAND, R.. "O Estado na Sociedade Capitalista", Zahar Editores, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Agenor Lopes de- "Memória ao I Congresso Brasileiro de Folclore". Correio Paulistano, São Paulo, 1951.

REVISTA Módulo - Arquitetura e Arte. Avenir Editora. Rio de Janeiro, Ed. 78, dezembro de 1983,

REVISTA Municipal de Engenharia. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria de Urbanismo .Volume XXIX, outubro/dezembro de 1983.

REVISTA Souza Cruz- Rio de Janeiro, fevereiro de 1917.

RIO, João do- "As Religiões do Rio", Org. Simões, Rio de Janeiro, 1951.

RITO, Lúcia- "Os Vizinhos da Festa". Jornal do Brasil, Revista de Domingo, Ano 12, número 615 de 14/2/88.